



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

JESSYE KÉSSIA DE CARVALHO PEREIRA

GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS:
a construção do feminino através de uma análise semiótica dos elementos
provocadores

João Pessoa,
2020

JESSYE KÉSSIA DE CARVALHO PEREIRA

GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS:
a construção do feminino através de uma análise semiótica dos elementos
provocadores

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Oriana de Nadai
Fulaneti

João Pessoa,
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436g PEREIRA, Jessye Kessia de Carvalho.

Gênero e discurso no exame Celep-bras: a construção do feminino através de uma análise semiótica dos elementos provocadores / Jessye Kessia de Carvalho Pereira. – João Pessoa, 2020.
63f. : il.

Orientação: Oriana de Nadai FULANETI.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Celpe-bras. 2. Elementos provocadores. 3. Representação da Mulher. 4. Semiótica. I. FULANETI, Oriana de Nadai. II. Título.

UFPB/CCHLA

Autora: PEREIRA, Jessye Késsia de Carvalho.

Título: GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS: a construção do feminino através de uma análise semiótica dos elementos provocadores

TCC defendido em: _____/_____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (DLPL/PROLING/UFPB)
(Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Amanda Batista Braga (DLPL/PROLING/UFPB)
(Membro interno)

Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza (DLPL/UFPB)
(Membro interno)

Prof. Dr. Magdiel Medeiros de Aragão Neto (DLPL/PROLING/UFPB)
(Suplente)

João Pessoa,
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, em especial à minha mãe, pelo apoio, auxílio e pelo incentivo.

Agradeço à minha irmã Jessika Pamela de Carvalho Pereira, por ouvir os parágrafos desse trabalho e julgá-los como muito bons.

Agradeço ao meu melhor amigo e as vezes namorado, Sérgio Leandro Aires de Araújo. Obrigada pelo companheirismo, carinho, paciência e pelas conversas incompreensíveis em nossa língua “Nai”.

Agradeço à minha amiga Alícia D'Araújo Guimarães de Lima, por me aturar todos os dias na faculdade.

À Prof^a. Dr^a. Oriana de Nadai Fulaneti, pelo apoio.

Aos meus dois gatos, Meu e Agata, por estarem sempre comigo nas madrugadas que virei fazendo este trabalho.

Aos amigos do PLEI, Elana, Rafaela, Ana, Luckas, Gesilândia, Kayo e Maria Eduarda, pelos momentos incríveis e pelas experiências.

RESUMO

Com a ascensão da língua portuguesa e aumento considerável de estrangeiros no Brasil, surgiu a necessidade de padronizar um documento que possibilitasse o ingresso de não nativos em instituições públicas. É nesse contexto que emerge O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-bras), o único certificado reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro que atesta a proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (PLE). Sua avaliação se dá através de duas partes: uma Escrita e outra Oral. Nosso estudo é pautado na seção Oral, que consiste em uma interação Face a Face com o examinando, a partir de três Elementos Provocadores. Esses materiais contêm textos verbais e não verbais e funcionam como um estímulo na conversa entre o Avaliador-Interlocutor e o participante. Abordando tópicos do cotidiano e de interesse geral, de modo que o examinando consiga expressar sua proficiência oral em língua portuguesa. Dentre esses temas dos Elementos Provocadores, integram-se diversas vezes questões acerca do sujeito feminino e é partindo dessa circunstância que desenvolvemos esta monografia com o objetivo de analisar como tais materiais trazem a figura da mulher em sua composição. Propomos, portanto, identificar como as mulheres estão sendo representadas no contexto do exame para os interlocutores estrangeiros, analisando se os discursos perpassados reforçam ou atenuam as opressões ao gênero feminino construídas historicamente pela sociedade patriarcal. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os Estudos do Discurso da Semiótica Francesa de Greimas (1973, 1979), que caracteriza a construção de sentido em um percurso gerativo, composto pelos níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Assim como nos baseamos nos postulados de Floch (1985, 1995) sobre textos verbovisuais, desenvolvido no Brasil por Teixeira (2009, 2008). Sendo complementado pela definição de gênero pelos estudos de Beauvoir (2019), Perrot (2007), entre outros, para construir o histórico dos discursos opressores patriarcais que circundam a mulher. Nosso *corpus* de análise é composto por seis elementos provocadores separados nos temas: maternidade, beleza e empoderamento. Sendo, portanto, realizada uma análise sincrética dos elementos provocadores a fim de compor um perfil do sujeito feminino no exame.

PALAVRAS-CHAVE: Celpe-bras; Elementos Provocadores; Representação da mulher; Semiótica;

ABSTRACT

With the rise of the Portuguese language and a considerable increase in foreigners in Brazil, the need arose to standardize a document that would allow non-natives to enter public institutions. It is in this context that the Certificate of Proficiency in Portuguese (Celpe-bras) emerges, the only certificate officially recognized by the Brazilian government that attests proficiency in Portuguese for Foreigners (PLE). Its evaluation is done through two parts: a Written and an Oral. Our study is guided by the Oral section, which consists of a Face to Face interaction with the examinee, based on three Provocative Elements. These materials contain verbal and non-verbal texts and act as a stimulus in the conversation between the Evaluator-Interlocutor and the participant. Addressing everyday and general interest topics, so that the examiner is able to express his oral proficiency in Portuguese. Among these themes of the Provocative Elements, questions about the female subject are integrated several times and it is from this circumstance that we developed this monograph in order to analyze how such materials bring the figure of the woman in its composition. Therefore, we propose to identify how women are being represented in the context of the examination for foreign interlocutors, analyzing whether past discourses reinforce or attenuate oppressions to the female gender historically constructed by patriarchal society. For that, we used as a theoretical contribution the Discourse Studies of the French Semiotics of Greimas (1973, 1979), which characterizes the construction of meaning in a generative path, composed of the levels: fundamental, narrative and discursive. Just as we are based on the postulates of Floch (1985, 1995) on verbovisual texts, developed in Brazil by Teixeira (2009, 2008). Complemented by the definition of gender by the studies of Beauvoir (2019), Perrot (2007), among others, to build the history of the patriarchal oppressive discourses that surround women. Our corpus of analysis is composed of six provocative elements separated in the themes: motherhood, beauty and empowerment. Therefore, a syncretic analysis of the provocative elements was carried out in order to compose a profile of the female subject in the exam.

KEYWORD: Celpe-bras; Provocative Elements; Representation of women; Semiotics;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Elemento Provocador “Gentileza gera gentileza”	20
Figura 2 –Elemento Provocador “Aprenda com seus erros”	22
Figura 3 – Elemento Provocador “Porque sempre a mãe?”	38
Figura 4 – Elemento Provocador “Maternidade no currículo”	41
Figura 5 – Elemento Provocador “Para retardar o envelhecimento”	44
Figura 6 – Elemento Provocador “Marina adora seu vestido”	47
Figura 7 – Elemento Provocador “Mulheres na mineração”	50
Figura 8 – Elemento Provocador “Mulheres em cargos de comando”	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – A TEORIA SEMIÓTICA	12
2.1 A perspectiva história das semióticas: o signo e a significação no processo	12
2.2 Teoria Semiótica Francesa: o Percorso Gerativo de Sentido de Greimas.....	14
2.3 Teoria Semiótica Sincrética – o conceito de textos sincréticos	19
2.3.1 Categorias de Análise de Textos Sincréticos	20
3. CONCEPÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE	24
3.1 Um olhar para trás: um breve histórico do sujeito feminino.....	24
3.2 A mulher e a maternidade: o instinto materno	29
3.3 A mulher e a beleza: o opressivo padrão.....	31
3.4 O feminismo e a mulher empoderada	34
4. A MULHER NA INTERAÇÃO FACE-FACE DO EXAME CELPE-BRAS.....	37
4.1 A maternidade nos elementos provocadores do Celpe-bras.....	37
4.2 A beleza nos elementos provocadores do Celpe-bras	44
4.3 O empoderamento feminino nos elementos provocadores do Celpe-bras	49
4.4 O perfil da mulher no Celpe-bras	56
5. CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

A língua portuguesa como Língua Estrangeira (PLE) vem ganhando cada vez mais força nos últimos anos. Uma prova dessa ascensão foi o desenvolvimento, em junho de 1993, por meio de uma Comissão Técnico-Científica de professores das universidades brasileiras, do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpebras)¹. A primeira aplicação do exame ocorreu em 1998, sendo realizado, nos dias atuais, duas vezes ao ano em todo o Brasil e em países do exterior. Sendo, portanto, o único documento oficial brasileiro que atesta a proficiência em Português Língua Estrangeira (PLE). Tal certificação é exigida por faculdades brasileiras para ingresso em cursos de graduação e de pós-graduação, bem como por órgãos e conselhos de classe para a validação de diplomas obtidos no exterior por profissionais estrangeiros.

O exame é de natureza comunicativa e é desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), sob a tutela do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE), com a colaboração do INEP e do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (CEBRASPE). A prova se propõe a avaliar os participantes nas categorias Escrita e Oral. Na primeira parte, o examinando deve redigir quatro tarefas escritas de acordo com a compressão de um vídeo, um áudio e de dois textos escritos, tudo isso no período de 3 horas.

Já na entrevista oral, realizada individualmente, o participante deve conversar com o Avaliador-Interlocutor durante 20 minutos, enquanto o Avaliador-Observador analisa a interação. Essa etapa é denominada de interação face a face e é dividida em dois momentos. Os primeiros cinco minutos de interação inicial, denominados de “quebra-gelo”, em que o participante deve demonstrar capacidade de conversar sobre questões de natureza pessoal. E nos outros quinze minutos seguintes, são apresentados três Elementos Provocadores² que são discutidos com o Avaliador-Entrevistador, a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado. Para cada elemento, são reservados cinco minutos, um para a sua leitura e quatro de discussão.

¹ Informações coletadas na seção histórico do site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/celpebras/historico>> acesso em 03 mar. 2020.

² Como descrito pelo próprio manual do examinando (2012, p.10), os elementos provocadores são pequenos textos, fotos, cartuns, que contém textos verbais e não verbais sobre assuntos variados. Eles são previamente escolhidos pelo Avaliador de acordo com a ficha de inscrição do examinado para desenvolver a conversação.

O foco da nossa pesquisa é justamente nessa Parte Oral. Nesse sentido, objetivamos compreender como se manifesta o discurso do exame Celpe-bras acerca do sujeito feminino através de uma análise sincrética dos elementos provocadores. Ou melhor, propomo-nos a evidenciar de que forma está sendo representada a mulher nos elementos provocadores da prova com o intuito de traçar um perfil dessa minoria.

No que diz respeito ao aspecto metodológico, esta pesquisa assume viés qualitativo, tomamos como base as ferramentas teóricas dos Estudos do Discurso da Semiótica Francesa de Greimas (1973, 1979) que compreende o texto como um percurso gerativo de sentido, através dos níveis fundamental, narrativo e discursivo e a proposta metodológica de análise de textos verbovisuais de Floch (1985, 1995), aprofundada no Brasil por Teixeira (2008, 2009). Partindo da análise dos aspectos expressivos dos elementos provocadores, tais como a forma, as cores, a diagramação, o espaçamento para, então, aliar com a significação, demonstrando a ideologia condicionada pelo Celpe-bras em torno da mulher. Além disso, para construir o histórico dos discursos opressores patriarcais que circundam tal sujeito feminino utilizamos os estudos de gênero de Beauvoir (2019), Perrot (2007), Badinter (1985), Wolf (2017), complementadas pelo conceito do empoderamento descrita por Berth (2019).

A escolha por trabalhar com os elementos provocadores do exame Celpe-bras se deu em vista da grande variedade de temas e gêneros textuais, considerando-se um lugar propício para a veiculação de discursos, principalmente, no que diz respeito ao gênero feminino, tema recorrente na prova. Assim como pela possibilidade de reflexão em torno desses discursos, em particular brasileiros, construídos culturalmente envolta da mulher e que são transmitidos aos estrangeiros na realização do exame. Outro ponto forte para nossa justificativa foi a crescente demanda de estrangeiros no Brasil, resultando no surgimento de diversos programas para o incentivo ao ingresso de estudantes internacionais no país.

Ao propormos esse trabalho, objetivamos identificar como a mulher está sendo representada no Celpe-bras, analisando se o discurso transmitido pelo exame acentua ou não os estereótipos patriarcais construídos em torno da mulher. Para cumprir com esse objetivo, observamos todos os elementos provocadores que detinham a figura feminina de maneira verbal ou visual, apuradas nas 32 edições do Celpe-bras disponíveis no site Acervo Celpe-bras, o que configurou no nosso *corpus* de pesquisa. Nesse sentido, identificamos 40 elementos que traziam essa imagem feminina. E, para delimitar nosso *corpus* de análise, selecionamos três temas recorrentes associados ao sujeito mulher,

foram: maternidade, beleza e empoderamento, culminando na escolha de seis elementos provocadores integrantes dessas categorias para constituir nossa análise.

No que confere à disposição dessa Monografia, ela se encontra organizada em três capítulos centrais. O segundo corresponde aos pressupostos teóricos, discutiremos brevemente sobre as condições de formação da Semiótica de Greimas (1973, 1979), bem como abordaremos os conceitos do Plano do Conteúdo (nível fundamental, narrativo e discursivo) e do Plano de Expressão (categoria cromática, eidética, topológica e matérica) que serão de suma importância para compor a análise sincrética dos elementos provocadores.

No capítulo seguinte, caracterizaremos os discursos criados historicamente envolta do sujeito feminino, a partir dos quais emerge a ideologia patriarcal que cria os papéis da dona de casa, da mulher como integralmente mãe e a exigência da mulher bela. Além de ressaltar o surgimento da teoria do empoderamento que vem se constituindo cada vez mais na esfera dos movimentos sociais como uma proposta de intervenção aos discursos opressivos.

No terceiro capítulo, vamos expor a análise dos seis elementos provocadores que apresentavam a figura feminina, restringindo-se entre os três temas que se fizeram mais frequentes. Ainda nesse capítulo, traçaremos o perfil feminino a partir d. Para finalizar, apresentaremos nossas considerações finais com uma breve discussão dos resultados alcançados acerca da representação da mulher no exame Celpe-bras.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS - SEMIÓTICA

Essa seção é dedicada a apresentação do arcabouço teórico do trabalho, atendo-se aos conceitos da Semiótica Francesa de Greimas (1973, 1979) e a metodologia de análise de textos sincréticos de Floch (1985, 1995), trazido por Teixeira (2008, 2009) ao Brasil. No primeiro momento, faremos um breve apanhado histórico das perspectivas semióticas em torno do signo e da significação e, posteriormente, apresentaremos as teorias que servirão de base para a análise dos elementos provocadores do Celpe-bras.

2.1 A perspectiva história das semióticas: o signo e a significação no processo

Ainda que as perspectivas semióticas sejam consideradas muito novas e em desenvolvimento, a discussão entre o signo e a significação é tão antiga quanto o próprio pensamento filosófico. Ao longo da história, os estudos semióticos tiveram diversos campos de análise, perpassando desde as discussões nos campos médicos e filosóficos até a formação da linguística, sendo, enfim, constituída como é concebida nas atuais ramificações. Nesse viés, para melhor introduzir a Semiótica Francesa, teoria que tomaremos como base no processo de desenvolvimento desse trabalho, faz-se necessário explicitar um pouco das discussões realizadas em torno do signo.

No que diz respeito à terminologia da palavra Semiótica, sabe-se que ela tem sua origem no termo grego *Semeion*, que quer dizer signo. Isto é, trazendo à tona a representação de toda e qualquer coisa que significa algo, que desperta um sentido/significado para uma pessoa, seja uma palavra, um som ou um gesto. Sendo denominada por Santaella (1983, p. 5) como “a ciência dos signos”. De acordo com Nöth (1995, p. 19), as raízes propriamente ditas da expressão Semiótica são dadas pela medicina, área na qual era compreendida como estudo diagnóstico dos signos das doenças. Essa terminologia foi utilizada por muito tempo pelos estudos médicos, chegando até ser empregado o termo sem(e)iologia (NÖTH, 1995, p. 19).

No entanto, o ponto de partida inicial da discussão entre signo e significação surge na filosofia ocidental, por meio da doutrina do signo. Essa seção é considerada por Nöth (1995, p. 28) como a semiótica *avant la lettre* que se constitui de capítulos da filosofia greco-romana que abordam os signos verbais e não-verbais. As principais investigações realizadas nessa época em torno desses processos são provenientes dos teóricos Platão e Aristóteles. O primeiro funda seu pensamento na constituição do signo como uma relação triádica, ou seja, sua composição dava-se: pela palavra/nome, a ideia que esta carregava e o

objeto físico a que se referia. Já para a concepção de Aristóteles, existia um acordo natural na nomeação das palavras. Fundamentada no plano da lógica e retórica, sua teoria argumentava que as palavras possuem características das coisas, nesse sentido, para ele o pensamento coincidia com a linguagem, fomentando a representação da realidade.

No percorrer da história, várias outras discussões foram se construindo em torno do signo, tal como o sentido dado por Agostinho (354-430) na antiguidade, que o introduz como uma coisa que produz sentido e remete outra a mente como consequência. E o conceito proposto por Locke (1632-1704) que, segundo Nöth (1995, p. 18), foi o primeiro na modernidade a realmente utilizar o termo Semiótica, sendo intitulado Semeiotiké, apontando para uma ciência que tomava a palavra como estudo, denominada “doutrina dos signos”. Além desses, outros estudiosos foram construindo suas teorias para o que compete o signo e a significação.

Entretanto, é somente no início do século XX que há o desenvolvimento das perspectivas semióticas. Com o propósito de ajustar os conceitos formulados nos estudos linguísticos, três escolas acabam se destacando e formulando princípios sobre a semiótica na mesma época. A primeira é a de Charles Sanders Peirce (1839-1914) que, na esteira do antigo pensamento lógico-filosófico perpassados pelos acadêmicos anteriores, desenvolve sua doutrina dos signos, tomando a semiótica como uma aplicação fundamental. A segunda é o Formalismo Russo, que tinha o objetivo, segundo Nöth (1999, p. 88), de desenvolver uma abordagem científica da literatura e da arte³.

E a terceira, que será a base desse trabalho, é conferida ao linguista Algirdas Julien Greimas (1917-1992), chamada de semiótica francesa, ou conhecida como semiótica greimasiana, que, ancorado nos pressupostos teóricos de Saussure (1857-1913), sobre signo e significação, e de Hjelmslev (1899-1965), acerca do plano de expressão e de conteúdo do signo linguístico, desenvolve uma teoria da significação. Seus fundamentos são difundidos após o fracasso com o projeto da Semântica Estrutural, que utilizava o modelo fonológico para analisar as unidades lexicais, decompondo-as em unidades subjacentes menores. A partir desse fiasco em construir uma teoria concisa da significação por meio da estrutura, os linguistas são obrigados a uma revisão do próprio signo, nos moldes de uma concepção mais profunda e abrangente. Nesse contexto, modificam-se as

³ Nas palavras de Costa Lima (1973, p. 141-142), “O que hoje entendemos sob o nome de formalistas eram, por volta de 1914, alunos das universidades de Moscou e S. Petersburgo, cujo interesse principal convergia para o estudo da linguagem e da poesia, em linha contraste com a linguística e a crítica professadas.”

discussões antes fixadas unicamente na palavra para a análise de unidades maiores, a exemplo do texto.

2.2 Teoria Semiótica Francesa: o Percurso Gerativo de Sentido de Greimas

A Teoria Semiótica desenvolvida pelo linguista Greimas (1973, 1979) concebe o processo de produção de sentido no texto como percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto; sintagmático, fundado na produção e interpretação do discurso, e geral, devendo se postular aos diferentes planos de expressão. Tudo isso por meio de três mecanismos gramaticais autônomos: o fundamental, o narrativo e o discursivo, havendo um componente sintático e semântico que compreende cada um desses três patamares, constituindo, assim, o Plano do Conteúdo.

No nível fundamental, considerada a etapa mais simples e abstrata do processo, situa-se a oposição semântica que constrói o sentido do texto. Ou melhor, são apresentados elementos contrários que se dispõem dentro de um mesmo eixo semântico. Como, por exemplo, morte vs. vida, que se estabelecem no mesmo domínio e se enquadram numa relação de contrariedade. A passagem de um eixo a outro dá-se por meio de uma negação, representando a sintaxe do nível fundamental. Tem-se, então, a possibilidade do percurso de um texto como afirmação da Alteridade \Rightarrow Negação da Identidade \Rightarrow afirmação da Alteridade.

Já a semântica fundamental confere qualificações fóricas a esses termos contrários, classificando-os como eufóricos ou disfóricos. Isto é, receber, respectivamente, a atribuição de valor positivo ou negativo. Voltando ao exemplo anterior, podemos tomar vida como um valor positivo e morte como negativo e vice-versa, ficando a cargo do texto a transmissão de valores. Desse modo, a valoração é feita com base no sentido do texto, de acordo com o juízo de valor apresentado. De modo que a morte pode ganhar um valor eufórico ou disfórico, a depender do contexto onde está inserido o discurso e da intenção comunicativa pretendida.

No nível narrativo, há uma complexificação das oposições instauradas no nível fundamental. Isso se dá por meio de enunciados de estado, na qual ocorrem relações de disjunção e conjunção, e enunciados de fazer, em que se opera o movimento de transformação, de passagem de um estado para outro. É aqui que se fixa um sujeito e objeto que exercerá os papéis narrativos no desenvolvimento do texto. Tais posições, todavia, não são necessariamente representadas por pessoas e objetos, podendo ser

denominadas mutuamente como nações, coisas, pessoas, animais, sistemas econômicos, etc.

Com o intuito de ilustrar o enunciado de estado, tem-se: “Gabriela é inteligente”, em que se identifica a conjunção do sujeito Gabriela com o objeto-valor inteligência/saber. Caso aplicada uma negação a essa frase: “Gabriela não é inteligente”, ou inserido um antônimo de inteligente nela, tem-se, então, uma disjunção de Gabriela com esse objeto. Noutro exemplo, para elucidar os enunciados de fazer, tomemos a expressão: “O livro ficou velho”. Nessa circunstância, é possível observar que houve uma transformação do sujeito livro, que antes estava no estado de novo para o estado final velho.

Esse processo de enunciados de estado e fazer, configura-se como programa narrativo, sendo um texto um conjunto de programas narrativos hierarquizados em que há programas de uso, que compreendem a busca de valores modais, “como o dever, o querer, o poder e o saber que modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres” (BARROS, 2005, p. 25). Pressupostos pelos programas de base, na qual há a busca de valores descritivos, considerados o fim, caracterizando o esquema narrativo canônico. Dessa forma, no contexto dos estudantes do PEC-G que precisam do certificado do Celpe-bras para entrar na faculdade, temos o exemplo em que obter a certificação é um meio, programa de uso, para atingir o fim universidade, programa de base.

Esse procedimento canônico é estruturado em quatro etapas: “[...] a manipulação, a competência, a performance e a sanção” (FIORIN, 2018, p. 29). Na fase da manipulação, o Destinador procura manipular o Destinatário com valores modais para que este realize alguma coisa. Isto é, o Destinador-manipulador tenta convencer o Destinatário, firmando um contrato de praticar uma ação. Tal compromisso pode ser feito de quatro maneiras distintas, conferindo as quatro principais categorias de manipulação. São essas a intimidação e provocação, que se concebem na instauração, respectivamente, de uma ameaça e desafio sobre o Destinatário, e a sedução e tentação, que se firmam no oferecimento de elogios ao ego e objetos de valor.

Para exemplificar esses passos, tomemos a relação de uma mãe e filho, como elucidada Barros em seu livro sobre a teoria semiótica do texto (BARROS, 2005, p. 31). Desse modo, na Tentação, Barros (2005, p. 31) traz a frase “Se você come tudo, a mamãe leva você para ver o filme da Mônica”, em que o destinador mãe manipula o destinatário filho a comer toda a comida firmando uma promessa de levá-la a algum lugar que é de seu interesse. Já na Sedução, Barros (2005, p. 31) expõe: “Você é um menino tão bonito e que gosta tanto da mamãe, você pode comer tudo, não é?”, no qual o destinador mãe também

manipula o destinatário filho a comer toda a comida, mas dessa vez oferece elogios ao seu ego como reforço positivo, visando convencê-lo. Na intimidação, Barros (2005, p. 31) apresenta: “Coma tudo, se não você apanha!”, no qual o destinador mãe manipula o destinatário filho através da força, ao empregar ameaças. Por fim, na provocação, Barros (2005, p. 31) coloca: “Duvido que você seja capaz de comer todo o espinafre ”, que confere a manipulação do destinador mãe para com o destinatário filho por meio da implantação de dúvidas a sua capacidade.

Já na competência, o sujeito vai em busca dos valores modais, ou melhor, é nesse período em que o sujeito se empenha em alguma coisa para ter a capacidade de realizar a transformação. Esse passo é bem característico da jornada do herói, é a parte em que o protagonista precisa passar por diversas provas para conseguir a força, sabedoria ou poder para se tornar o herói. A performance é a instauração da transformação, é o momento da mudança central, quando o sujeito cumpre com a transformação, voltando ao exemplo anterior, quando ele se torna um herói. Essa questão do herói foi o foco inicial da teoria semiótica do texto, já que os primeiros objetos estudados eram mitos e contos de fadas, que compreendiam quase sempre a história característica do herói, sendo expandida posteriormente para outros gêneros. A última fase da organização narrativa é a sanção, é o estado em que ocorre o reconhecimento da performance e do sujeito que originou a transformação, tendo este, finalmente, a disjunção ou a conjunção com o objeto-valor. Tal situação divide-se em dois tipos: a sanção pragmática, que pode ou não acontecer, e a cognitiva, que precede. Na primeira o Destinador-Julgador reconhece as ações do sujeito da performance e na segunda o Destinador-Julgador incide um juízo positivo e negativo, recebendo, respectivamente, uma recompensa ou uma punição por seus atos.

Para exemplificar o percurso narrativo, tomemos como exemplo um sujeito estrangeiro que, segundo as diretrizes brasileiras, para exercer sua profissão como médico no Brasil, precisa ser aprovado no exame Celpe-bras. Logo, manipulado pelo desejo e regido pelas coerções sociais, o estrangeiro entra num curso de português para aprender e estudar a língua, adquirindo competência para passar no exame. Ao realizar a prova, o sujeito obtém boas notas nas categorias escrita e oral, configurado sua performance. E, por fim, alcança a conjunção com o objeto-valor certificado, recebendo a sanção em forma de recompensa, ao poder finalmente trabalhar como médico no país.

O nível discursivo é o mais concreto de todo o percurso, é quando as formas abstratas apresentadas nas mudanças de estado do nível narrativo são concretizadas, tornando nítido o sentido perpassado no discurso do texto. É nesse estágio que se

identificam as projeções sintáticas discursivas de pessoa (eu), tempo (agora) e espaço (aqui) na enunciação, definida como ato de produção do discurso, e expressa pela instância do enunciado. Nesse sentido, tem-se que todo enunciado pressupõe uma enunciação com um sujeito que produz (eu) e outro que filtra (tu) um determinado discurso, num dado espaço e num tempo específico. Sendo por meio desses elementos possível construir a estrutura referencial do texto.

O mecanismo destinado a constituir no texto os elementos de tempo e espaço, povoado de actantes da enunciação, é a *debreagem*, classificada como enunciativa e enunciva. A primeira produz um efeito de sentido de subjetividade e aproximação, já que instaura no enunciado pessoa, tempo e espaço da enunciação. Por exemplo, na frase “Eu fiz aqui em João Pessoa o exame Celpe-bras em novembro deste ano 2019”, é possível identificar a pessoa, não só pela marca do eu, mas também pelo verbo fazer, o ano e o mês preciso e o local onde foi feita a prova. Ao passo que a segunda gera um sentido de objetividade e afastamento, projetando pessoa, tempo e espaço no enunciado, sem deixar marcas da enunciação. Para elucidar, tomemos o exemplo “O exame é aplicado semestralmente em todo Brasil”. Nessa expressão, não é identificado a pessoa que deu essa informação, não se sabe quais lugares específicos do Brasil são aplicados, dando ideia de grande alcance espacial, e o tempo é quase que completamente ocultado.

Compete ainda frisar que essas categorias não são fixas na enunciação, não há uma fórmula para a constituição do enunciado, podendo existir uma enunciação sem a marca de pessoa, mas com a presença do espaço e do tempo. Desse modo, esses termos possuem a possibilidade de estarem ocultos ou não no enunciado, dependendo do sentido que o texto pretende transmitir. Outro artifício de projeção da enunciação no enunciado é a *embreagem*, na qual se sucede “uma suspensão das oposições de pessoa, de tempo ou de espaço” (FIORIN, 2018, p. 74). Tal contexto de suspensão tem a função de criar efeitos de sentido de objetividade.

Ao projetar um eu no enunciado, de modo que este esteja nítido no discurso, pressupõe-se instantaneamente o questionamento de quem o produziu. É nessa estreita que implica distinguir duas instâncias previstas na enunciação: o *eu* pressuposto, o enunciadador, e o *eu* projetado, o narrador. Como é dado que todo *eu* prevê um *tu*, um sujeito que recebe a enunciação, faz-se necessário a menção, desse modo, do *tu* pressuposto, enunciatário, e do *tu* projetado, narratário. Essas categorias, como elucidada Fiorin (2004, p. 119), são “[...] autor e o leitor. Cabe, porém, uma advertência: não são o autor e o leitor reais, em carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e do leitor construída

pelo texto” (FIORIN apud CORTINA; MARCHEZAN, 2004, p. 119). Além desses, estabelece-se, ainda, a voz cedida pelo narrador aos personagens na trama, “o do destinador e do destinatário instalados no enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 242). Para direcionar como essas categorias são difundidas no texto, consideramos o seguinte exemplo:

E há de ele amá-la? – repetia Úrsula a si própria com uma pertinácia, que a teria admirado, se nisso pudesse atentar. Amor! – prosseguia – o que é amor? Creio que jamais amarei. Mas Adelaide deve ser muita amada por ele... mas eu o ouvi amaldiçoá-la! Por que diz que lhe queima os beijos o seu nome? Oh! Não é possível, ele já não a ama! E Úrsula, perdida nestes loucos pensamentos, não atendia ao que em torno de si havia. (REIS, 2018, p. 25)

Percebe-se, portanto, a presença de um enunciador e de um narrador. Porém, nesse caso, o narrador e o enunciador se confundem, ou seja, há alguém que conta uma história para outro e as marcas de quem escreveu essa história ficam na enunciação. Outro aspecto identificado nesse trecho é a projeção do enunciatário e o narratário, que se estabelecem na necessidade de uma pessoa que lê e recebe a enunciação. Há ainda a expressão da personagem Úrsula no texto que ganha a voz pelo narrador e atua consigo mesma numa conversa como destinador e destinatário, projetando sua fala por meio do discurso direto. Por fim, já no final é possível identificar também o narrador invadindo a fala da personagem com o discurso indireto.

Além dessas categorias sintáticas estabelecidas no discurso, define-se também a ordem semântica, que diz respeito aos temas e às figuras. Os temas são de ordem mais abstrata, que envolvem, categorizam e ordenam conceitos, já as figuras são mais concretas, aludindo a coisas materiais e existentes, sendo impossível o revestimento de um texto com temas ou figuras isoladas.

Assim, o esquema narrativo tem seu discurso revestido por um percurso temático, compreendido como um encadeamento de temas, que poderá ou não ser revestido por um percurso figurativo. Esses revestimentos temáticos e figurativos, associam-se diretamente ao contexto sociocultural do texto, revelando a ideologia perpassa no discurso. Dessa forma, os textos podem efetivar seu sentido por meio da figurativização ou tematização, que remetem em princípio, respectivamente, à oposição entre concreto e abstrato. Entretanto, esse processo é feito de modo gradual, não há necessariamente uma oposição, mas um contínuo, de um para outro.

Enquanto os textos temáticos trazem à representação discursiva algo mais conceitual, remetendo ao plano da interpretação, os figurativos são a tradução do real, de algo mais palpável, com ênfase na descrição e representação, abarcando um efeito de

realidade. São temas, maternidade, liberdade, beleza, já figuras são mulher, casa, cabelo. Como destaca Fiorin (2018, p. 91) na categorização dos discursos figurativos e temáticos, “Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-los”. Desse modo, para exemplificar o que fora exposto, um tema como natureza pode ser figurativizada por um percurso que envolve as figuras: árvore, plantas, animais, etc.

2.3 Teoria Semiótica Sincrética - o conceito de textos sincréticos

Os textos sincréticos tiveram duas definições na teoria semiótica: a primeira é originada dos estudos de Hjelmslev, que o associava ao conceito de neutralização em fonologia, e a segunda é dada pelo linguista Greimas. No primeiro momento, “a semiótica usa o conceito de sincretismo para designar a sobreposição de funções irradiadas a partir de um mesmo elemento” (TEIXEIRA, 2009, p. 46). Ou melhor, os textos sincréticos eram concebidos, inicialmente, pela semiótica como elementos distintos que se igualavam num determinado contexto.

A título de exemplo, tomemos os actantes do nível narrativo, o sujeito de estado e sujeito do fazer, que, a depender da situação explicitada, podem ser representados somente por um único ator no nível discursivo. Por exemplo, na frase “Rafael decidiu que não era um bom lugar e fugiu.” Nela, tanto o sujeito de estado como o sujeito de fazer são representados pelo mesmo ator, no caso, Rafael.

O segundo sincretismo é exposto pelo teórico Greimas, que não restringia esse conceito apenas ao campo do verbal, mas abarcava diversos outros tipos de linguagem. Assim, sincretismo para Greimas não é somente a representação da linguagem verbal, mas sim um conjunto de várias linguagens, tais como as gestuais e visuais, que são importantes para a produção de significação para todo e qualquer texto, traduzidas como semióticas sincréticas. Ao longo dos anos, esses conceitos foram se modificando e ampliando na semiótica, até o ponto em que sincrético é tido como, segundo Teixeira (2004):

[...] um objeto que, acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação. Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação (TEIXEIRA, 2004, p. 235).

Desse modo, a sincretização é um meio de enunciação que integra múltiplas linguagens com o intuito de configurar um sentido ao texto, promovendo uma relação do

conteúdo com o modo como é expresso. Para exemplificar tal situação, vejamos o sincretismo no elemento provocador que se segue:

Figura 1 - Elemento motivador “Gentileza gera gentileza”



Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2019-2>

No elemento acima, retirado da edição 2019.2 do Celpe-bras, nota-se como a linguagem verbal dialoga com a visual, construindo o efeito de sentido do texto. O título central “Gentileza gera gentileza” é reforçado pelas imagens que estão a sua volta, pois estas trazem, além de expressões verbais que evocam e afirmam o tema da gentileza, também retratam situações visuais que ativam o mesmo conteúdo expresso nas frases.

O elemento ainda afirma esse tema através das cores chamativas, o modo como o título está escrito, ou seja, como se estivesse numa “plaquinha”, e as expressões no imperativo apresentadas em cada quadrinho (“Distribua”, “Jogue”, “Ceda”, “Respeite”, “Veja” e “Ajude”). Todas essas circunstâncias são próprias do gênero textual panfleto, no qual o elemento provocador se encontra, e promovem uma ideia de amizade com o leitor, como se o enunciador estivesse aconselhando o enunciatário.

2.3.1 Categorias de Análise de Textos Sincréticos

A proposta metodológica desenvolvida por Teixeira (2009) objetiva aplicar um conjunto de categorias específicas para desenvolver uma análise relevante acerca dos textos sincréticos. Como esses sistemas são muito complexos, fica impossível se deter somente ao conteúdo que eles carregam, fazendo-se necessário abordar a forma como são expressos para promover um todo. Isto é, enquanto no plano de conteúdo há contração e superposição de informações, no plano da expressão ocorre a correlação de diferentes linguagens que se voltam a construção de uma enunciação única, com um só plano de expressão que confere unidade ao todo.

Para Teixeira (2009), a análise de textos verbovisuais “começa sempre pelo mais simples e aparente: a observação minuciosa, a descrição exhaustiva. Em seguida, procura identificar a estratégia metodológica mais rendosa, definir categorias e examinar procedimentos” (TEIXEIRA, 2009, p. 61). Desse modo, sua metodologia do Plano de Expressão Plástica compreende quatro categorias principais: Cromáticas, Eidéticas, Topológicas e Matérias. É por meio desses elementos que se compreende o efeito de sentido perpassado no plano de expressão e conteúdo dos textos. Para melhor apresentar essas Dimensões de análise de texto verbovisuais moldadas por Teixeira (2009) e que serão utilizadas na análise dos elementos provocadores do Celpe-bras, observemos o quadro:

Quadro 1 – Categorias de análise do Plano de Expressão

Categoria	Análise	Relações de Contraste
Cromática	Combinações das cores	Claro vs. Escuro; Puro vs. Mesclado; Saturado vs. Não saturado; Monocromático vs. Multicromático; Etc.
Eidética	Relações entre formas	Curvilíneo vs. Retilíneo; Arredondado vs. Pontiagudo; Multiforme vs. Uniforme; Etc.
Topológica	Orientação das formas no espaço	Inferior vs. Superior; Esquerdo vs. Direito; Central vs. Periférico; Englobante vs. Englobado;

		Etc.
Matérica	Efeito das pinceladas, da tinta e do suporte na obra artística	Rugoso vs. Liso; Diluído vs. Pastosa; Contida vs. Soltas; Com relevo vs. Sem relevo; Etc.

Fonte: TEIXEIRA, 2008, p. 305-306.

Na categoria cromática, são analisados o sentido das cores e suas combinações, estabelecendo relações contrastivas. Já no nível eidético, as formas são entendidas como um entrelaçamento de linhas e proporções justapostos, determinados, por meio de relações de contraposição, como: curvilíneo vs. retilíneo. A categoria topológica analisa o espaço onde os elementos estão inseridos. E, por fim, a categoria matéria que se refere aos efeitos artísticos alcançados na matéria. Essa categoria é utilizada somente na análise de artes plásticas e, desse modo, não será empregada no recorte com o Celpe-bras. Para compreender como as categorias discutidas funcionam na progressão da análise, consideremos o elemento provocador abaixo:

Figura 2 - Elemento provocador “Aprenda com seus erros”



Fonte: http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2016_1-1

Observa-se, inicialmente, na categoria cromática, uma relação de contraste entre *monocromática vs. multicromática*, já que o balão se encontra colorido e o resto do elemento se mostra somente marcado por duas cores, o amarelo, que compreende toda a tela, e o preto das letras. Essa situação configura a ideia no enunciatário de que o balão é a caracterização da criatividade, exposto no texto verbal, por causa das suas distintas cores, enquanto o resto da tela é a própria representação do prosaico, apresentando somente o amarelo como marcante.

Além disso, o uso do balão é um artifício da linguagem visual que corrobora com o texto central “Aprenda com seus medos” e “Transformar esse sentimento em coragem pode ajudar você a viver com mais criatividade, sabedoria e liberdade.”, pois remete a uma situação que geralmente amedronta as pessoas, por causa da altura, mas que também produz uma sensação de liberdade. Na forma do balão e no espaço limitado por retas que este se insere, podemos identificar uma relação eidética entre *curvilíneo vs. retilíneo*, haja vista que o balão é um objeto arredondado, em contrapartida com as retas do retângulo que está a sua volta e as formas retilínea das letras.

No que diz respeito à categoria topológica, identificamos uma oposição através do elo das categorias *superior vs. inferior*, dado que o balão, unidade visual, está disposto na parte de cima e o texto verbal na seção abaixo do elemento provocador. Dessa forma, o aprendizado dos elementos verbais leva à liberdade dos elementos visuais, construindo um único sentido na interação. Isto é, todo texto é formado por um Plano de Conteúdo (significação) e um Plano de Expressão (modo de expressão), que se realiza na união desses dois planos.

No que confere à análise dos elementos motivadores do exame Celpe-bras, procuramos investigar o uso de formas, cores, texturas, localização espacial das imagens, bem como o conteúdo das narrativas envolta da figura feminina. Isto é, analisaremos a partir dos modos de expressão e significação encontrados nos elementos motivadores como se constitui o discurso da prova em torno da mulher. Para tanto, utilizaremos como base metodológica o plano do conteúdo, sobretudo, o nível narrativo e a semântica discursiva, bem como daremos atenção para os elementos do plano da expressão, em uma análise sincrética.

3. CONCEPÇÃO DE MULHER

Neste capítulo, discutiremos as opressões do patriarcado nas relações sociais de gênero constituídas historicamente na sociedade. Para isso, utilizaremos as pensadoras Beauvoir (2019), Perrot (2007), Badinter (1985), Wolf (2017), além de fomentar o conceito do empoderamento descrita por Berth (2019).

3.1. Um olhar para trás: um breve histórico do sujeito feminino

Nossa pretensão, ao desenvolver um subcapítulo abordando a história feminina não é de modo algum escrever um texto com aprofundamento histórico ou sociológico em relação à trajetória da mulher, mas sim fornecer alguns dados para o leitor sobre os discursos que se firmaram na vida feminina ao longo dos séculos e que persistem até os dias atuais. Na verdade, tais informações serão fundamentais para a compreensão da análise e dos próprios subcapítulos que se seguem. Dessa forma, utilizamos como embasamento teórico os textos de Beauvoir (2019) e Perrot (2007), que discutem esse silenciamento da mulher na história da humanidade.

Como elucida Perrot (2007, p. 21), escrever a história das mulheres é uma tarefa bastante difícil. Isso porque, houve um apagamento da figura feminina na história, “[...] seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, todos destruídos” (PERROT, 2007, p. 21). Vê-se, como traz a autora, o resultado de séculos de opressão, o silenciamento da memória feminina. Poucos, senão nenhum, são os textos que ficaram na história, tudo era rapidamente desvalorizado, descartado e esquecido. Assim fez-se por muito tempo o silêncio feminino que afundou as mulheres em obscuridade.

Em contrapartida, há uma grande quantidade de discursos sobre a mulher, ou melhor, imagens na visão do homem do que a mulher deveria/seria e não propriamente dito a fala das mulheres. Na realidade, o feminino passou séculos sendo descrito pelo masculino e até hoje esses conceitos se mantêm e se reproduzem nas mais diversas facetas da sociedade. São estes estereótipos patriarcais que tentam encerrar a mulher em papéis pré-estabelecidos: mãe, esposa, objeto sexual, bela, romântica, histérica. A mulher é tudo, menos o que ela realmente quer. Dessa forma, para compreender como foram estabelecidos esses conceitos e o porquê estão associados à figura feminina, faz-se necessário investigar como esses discursos surgiram e foram se moldando em torno da mulher.

Na pré-história, o trabalho era dividido pelas civilizações antigas de acordo com o sexo. Enquanto os homens eram tidos como guerreiros que se dedicavam à caça e à pesca,

as mulheres, devido aos altos índices de fecundidade da espécie, que trazia a gravidez, a menstruação e o parto, condenando-as a períodos de impotência, cabia a função dos cuidados da prole, que, mesmo com todos os esforços, não sobrevivia por muito tempo devido às duras circunstâncias. Entretanto, nesse período, “[...] homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários” (BEAUVOIR, 2019, p. 97). Sendo assim, nessa época, em ambos os sexos cabia a necessidade de sobrevivência.

Com o advento da propriedade privada, a família, a descoberta dos metais para a construção de ferramentas, originando o homem operário, o desenvolvimento da “consciência masculina”, decretando o fim do domínio da Natureza, elemento fortemente relacionado ao feminino por causa da sua misticidade fértil, a opressão da mulher, antes velada, concretiza-se. Isto é, o indivíduo mulher, como elucida Beauvoir (2019, p. 115), que em algumas sociedades primitivas tinha uma espécie de valorização, devido à inexplicável e assustadora concepção da maternidade, passa, rapidamente, a exercer o papel da opressão quando destronada sua mistificação, alcançando o homem a possibilidade de dispô-la como propriedade e serva.

É nesse momento em que se observa a necessidade masculina de se portar como Sujeito detentor do poder e sabedoria, bem como o de colocar o feminino como o Outro. Infere-se, portanto, que mesmo quando a mulher ocupa um lugar elevado na sociedade, ou seja, trazendo aqui a ideia da religião feminina ligada à agricultura (Mãe e Deusa da terra), ela é vista como algo amedrontador e obscuro aos olhos do homem, pois, é no terror que ele lhe rende devoção, não é um semelhante, mas algo além do humano. Tais conceitos ficam nítidos nas palavras de Beauvoir (2019):

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o “privilegio biológico” permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...] O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei. (BEAUVOIR, 2019, p. 112).

Desse modo, como destaca Beauvoir (2019, p. 113), desde a antiguidade a mulher nunca definiu seu destino, nunca obteve poder para decidir suas ideias e conduzir sua vida por si mesma, suas funções sempre foram definidas pelo homem, dispondo sempre entre o papel de mercadoria ou de deusa ameaçadora, nunca reconhecida como semelhante. No

entanto, mesmo com essa relação do outro, da insistência masculina de colocar a mulher como a inimiga inferior, “[...] o homem sabe que para saciar seus desejos, para perpetuar sua existência, a mulher lhe é indispensável” (BEAUVOIR, 2019, p. 116). Isso porque, sem sua existência não haveria essa comparação, seria impossível o homem se colocar como Sujeito não havendo o Outro como comparativo.

É no período Clássico que a situação de opressão feminina se torna mais visível. Na Grécia a mulher passa a ser considerada legalmente um patrimônio do homem, primeiramente do pai ou do irmão e em seguida, com o casamento, do marido. Seus direitos eram nulos, não possuíam nenhum bem e todo o dinheiro que usufruíam era devido ao casamento, “ganha-pão e a única justificação social de sua existência” (BEAUVOIR, 2019, p. 187). Não era possuidora de propriedades e riquezas, apenas o homem tinha esse “privilegio” e, se por acaso o marido morresse, nem sequer herdava sua fortuna. Somente poucas mulheres “escapavam” dessa situação, são estas as prostitutas, que viviam à margem da sociedade e, assim, adquiriram a possibilidade de se apresentar como igual ao homem. Entretanto, mesmo com essa “regalia”, ainda se submetiam à opressão da relação sexual e sofriam com a sujeição do patriarcado.

Em Roma, diferentemente da Grécia, a mulher é mais integrada à sociedade. Isto é, sua vida não se resume apenas ao trabalho doméstico e ao confinamento dos aposentos, pode desfrutar de certas atividades sociais, como ir ao teatro e discutir aspectos político, mas ainda não possui direitos civis. É nessa época que se observa o primeiro passo dado pelo sujeito feminino ao longo da história, uma vez que adquire autonomia na maternidade, os filhos já não pertencem somente ao pai, mas também a ela, e a conquista de herdar fortunas. Essa emancipação, contudo, não passa de uma fraude, já que permanecem aprisionadas ao casamento e são impossibilitadas de exercer qualquer tipo de trabalho.

Na Idade Média a situação da mulher permanece com algumas melhoras, mas com a ascensão do cristianismo o contexto de opressão sofre uma certa piora. Nesse momento o sujeito feminino passa a ser tido como um disseminador de pecado e da tentação. Isso se dá por intermédio do fundamento religioso de Adão e Eva, no qual a mulher é culpabilizada por induzir o homem ao pecado inicial, sendo a “responsável” por condenar toda humanidade. Mas se Eva é grande pecadora, Maria é a própria santa. “A virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe” (PERROT, 2007, p. 45). Nesse sentido, a mulher só é valorizada por sua virgindade, sendo “absolvida” do pecado inicial e associada à Virgem Maria mãe de Jesus, mas isso somente até o momento que a perde.

Observa-se, então, que mesmo com algumas autonomias conquistadas no conjúgio e na posse dos filhos, nessa época, o indivíduo feminino ainda permanece preso ao casamento, concebido como uma instituição divina e sagrada da Igreja Católica, e aos serviços domésticos, mas agora, com o auxílio da religião cristã, a mulher é ainda mais subjugada, inferiorizada e condenada por erros alheios. Vale ressaltar que nessa época as mulheres que desobedeciam às regras da igreja e não se subordinavam ao patriarcado, eram presas pela inquisição como bruxas e seu destino o mais cruel: queimadas vivas nas fogueiras.

Com a instituição do Feudalismo o destino da mulher se dá de modo muito incerto. Inicialmente, era impossibilitada de possuir um feudo, pois não teria forças para defendê-lo, mas, logo em seguida, essa questão se altera com a possibilidade de herança. Faz-se da mulher uma “herdeira”, mas somente na ausência de um filho homem. Já o casamento se constitui ainda mais como um negócio, pois se funda como um meio de angariar mais terrenos, sendo até aceitos casamentos entre parentes para consolidar as propriedades.

Ou seja, a mulher é uma moeda de troca, usada como transmissora da propriedade e não possuidora. Como traz Beauvoir (2019, p. 137), “uma herdeira é uma terra e um castelo: os pretendentes disputam a presa e, às vezes, a jovem não tem ainda doze anos quando o pai ou o senhor a dão de presente a algum barão” (BEAUVOIR, 2019, p. 137). Exerce, então, o papel de objeto substituível, a propriedade tem mais valor que ela. Além de permanecer também como uma possibilidade de gerar herdeiros para repassar os bens, ou criar mais servos para o feudo. Vale ressaltar que é nessa época que surge o ideal da mulher platônica, como clarifica Beauvoir (2019, p. 139), descrito pelo amor cortês que nasce no Sul mediterrâneo.

Progressivamente, com a chegada do novo sistema e as intensas atualizações sociais e econômicas, os homens que se enxergavam como mais educados abandonaram a acusação de malignidade da esfera cristã. Desenvolveram, contudo, o conceito de fraqueza e incapacidade das mulheres, além de reforçarem compulsivamente ideias patriarcais da maternidade, da biologia e da necessidade do matrimônio com intuito de encerrar a mulher no espaço doméstico. Recusavam-se a aceitar a instrução da mulher e o conhecimento que esta estava adquirindo com os novos costumes.

Desse modo, mesmo com a decomposição da nobreza e ascensão da burguesia, conferindo uma pequena independência às mulheres de classe privilegiada, principalmente na esfera cultural com o acesso à instrução, a leitura e a escrita, a mulher ainda é privada do direito de cidadã e forçada ao casamento, tornando-se sujeito somente depois de

firmada essa instituição. Em todas as circunstâncias, a aprovação do homem era requisitada, o sujeito feminino só podia trabalhar, dirigir uma empresa, casos raros, e exercer seus direitos mediante autorização do esposo. É, então, uma propriedade de seu marido, uma peça necessária, mas artificial e substituível, a compor na família tradicional. Essa cobrança ainda se repete nos dias atuais, pois é comum ouvir casualmente a pergunta: “Seu marido/namorado está de acordo com isso?”. Como se a mulher precisasse da autorização de um homem para fazer algo.

Todavia, a Revolução Burguesa realmente trouxe avanços na condição feminina, pois é nesse momento que a mulher adquire mais direitos perante a sociedade. Os ideais de liberdade invadem a vida cotidiana e a necessidade de trabalhadores do sistema capitalista possibilita (exige) o trabalho feminino. Nesse período, são as operárias de classe mais baixa que vislumbram uma maior autonomia, já que a mulher burguesa permanece envolta às suas opressões de gênero, não abdicando dos seus privilégios de classe.

E mesmo que a conquista do trabalho seja o principal difusor da melhoria, ela não se configura de modo algum como modificador na estrutura social das ideologias patriarcais. Pelo contrário, a hierarquia dos gêneros persiste nas fábricas e a mulher se mantém imensamente mais escravizada nas relações de trabalho do que o homem. Recebendo uma remuneração muito inferior à exigida pelo sexo oposto, elas trabalham mais horas e são expostas a todos os tipos de abusos por seus exploradores. Tais episódios de inferioridade, assédios, baixas salariais, invalidez, fraqueza, obrigatoriedade de serviços domésticos e maternidade forçada, persistem até hoje em nichos patriarcais.

Essa questão fica nítida na permanência do sujeito feminino como minoria em diversos setores da sociedade, recebendo um tratamento discriminatório principalmente em áreas que exijam trabalhos braçais ou raciocínio lógico. Além de ganharem menos exercendo o mesmo cargo, permanecerem presas às funções maternas e domésticas, desempenhando uma jornada dupla ao trabalharem e cuidarem dos serviços de casa e do filho, tudo regado na exigência do patriarcado da mulher jovem e bela. Assim sendo, mesmo estando num século de constantes modificações tecnológicas e atualizações, acentua-se que ainda não houve uma real mudança na estrutura social que promova uma relação igualitária na conduta entre os gêneros.

Em virtude de todos esses discursos biologizantes, matrimoniais e sexualizadores que ultrapassaram a história feminina, a mulher foi destinada aos papéis de mãe, esposa, dona de casa e objeto sexual. É partindo dessas categorias centrais envolta do gênero feminino, distinguindo aqui o aspecto do corpo sexuado e o conceito de gênero construído

culturalmente, que visamos expor em particular as cristalizadas opressões construídas na mulher como mãe e bela, bem como elucidar os escapes que o sujeito feminino vem ganhando com a ascensão do feminismo e de políticas públicas.

3.2 A mulher e a maternidade: o instinto materno

Ao longo dos séculos, criou-se um senso comum de que a maternidade é instintiva para a mulher, sendo uma função por excelência da natureza feminina. Esta crença, apoiada pela biologia e reforçada a partir da constituição da família, foi desenvolvida culturalmente, como destaca Badinter (1985, p.30), com a imposição da inferioridade feminina.

Os cuidados e afetos à prole sempre foram exigências do patriarcado desde a Antiguidade. Para a mulher cabia a função do espaço doméstico e da maternidade devido à sua “inferioridade”. Isto é, por causa da possibilidade de gerar uma criança, era limitada e encerrada nesta função, enquanto ao homem cabia a procura de suas razões de viver e da libertinagem mundana. “A maternidade destina a mulher a uma existência sedentária; é natural que ela permaneça no lar enquanto o homem caça, pesca e guerreia. ” (BEAUVOIR, 2019, p. 103-104). Dessa forma, sempre foi limitada no papel materno e obrigada a exercê-lo.

Contudo, a maternidade não era concebida como é atualmente, o que havia era uma relação de superioridade do homem em relação à mulher. Eram submissas à autoridade do chefe da família, pois era ele que detinha a casa, os bens e tudo que “possuíam”, aqui se inclui até as crianças. Desse modo, das civilizações antigas até a idade média, a maternidade é uma obrigação do sujeito feminino. Ela precisava ter filhos para compor a família e manter hereditário os bens, mas não havia nenhum reconhecimento desse fato. Ao contrário, a mãe se mantinha fria e distante da criança, pois com altas taxas de mortalidade a possibilidade de sua morte era grande. Oferecia, assim, os mínimos cuidados para que crescesse, mas essa ação não é considerada natural ao seu cunho.

É somente após 1970, como destaca Badinter (1985, p. 145), a partir de uma revolução na condição do sujeito feminino como mãe, que se constitui na sociedade o conceito do instinto materno. Ele passa a ser disseminado por inúmeras publicações que incentivam (obrigam) a mulher a assumir pessoalmente o cuidado de seus filhos. Surge, então, [...] “a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (BADINTER, 1985, p. 145-146). Esse discurso de

naturalização dos cuidados da mãe, afirma Badinter (1985, p. 146), que não passa senão de um jogo do Estado para diminuir a mortalidade infantil, resultado da negligência parental. Desse modo, foram desenvolvidos dois discursos diferentes que visavam a convencer a mulher a exercer a função do amor materno, são esses baseados em fatores econômicos e filosóficos.

O amor paterno, entretanto, não existe, a mãe é encarregada de cuidar e educar os filhos, mas o indivíduo masculino é quase que inexistente nessa criação. Seu carinho e afeto nunca são cobrados como naturais, esses conceitos são exigências da índole feminina. O homem nunca aparece como um pai detentor de afeição e amor, apenas cumpre o seu dever de autoridade com rigidez e frieza. Essa situação se repete até os dias atuais, pois poucos são os que não assumem apenas o papel de provedor. E, quando se responsabilizam pelos seus filhos com cuidados e afeto, passam a ser homenageados, invejados e admirados. Esquecendo-se que essa função é tão necessária para a formação da criança quanto a materna.

Desse modo, o amor materno não constitui um sentimento imanente à mulher, ele não é de modo algum um determinante do sexo feminino, mas algo que se projeta com as intensas cobranças da sociedade patriarcal. Em virtude disso, é comum encontrar frases que exigem de mulheres casadas a presença de uma criança, a maternidade se torna uma obrigação imposta ao feminino pelo patriarcado para que a mulher esteja “realizada”. Como se o indivíduo feminino nascesse incompleto e somente depois da maternidade passasse a viver integralmente. Contudo, essa associação não passa de opressora e mentirosa, que leva diversas mulheres a uma maternidade forçada, resultando no crescimento de crianças sem auxílio e que se tornam mártires para suas mães. Vê-se, portanto, que “não há mãe “desnaturada”, posto que o amor materno nada tem de natural: mas precisamente por causa disso há mães más” (BEAUVOIR, 2019, p. 326).

Tem-se, então, que tanto a maternidade, como a paternidade, sendo esta “alcançada” com diversas manifestações feministas, não significam nada além de construções sociais. A forma como a mulher reagirá com sua prole depende de inúmeros fatores, tais como sociais, econômicos e psicológicos, são essas situações que ditarão as responsabilidades que a mãe exercerá ou não. São diversas as circunstâncias que enumeram a criança como um fardo ou uma dádiva para a mãe, sendo, portanto, o amor materno não determinante no cerne feminino. Desse modo, trazendo à luz Beauvoir (2019), “[...] não existe “instinto” materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie

humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume” (BEAUVOIR, 2019, p. 312).

Mesmo que o discurso biológico e social ainda permaneça enraizado na cultura da sociedade, inúmeras conquistas femininas derivadas do movimento social em prol da igualdade de gênero possibilitaram a autonomia das mulheres em vários quesitos, isso inclui a escolha da maternidade. Isto é, com o advento de métodos anticoncepcionais e contraceptivos, que proporcionaram às mulheres o controle sobre sua sexualidade e seu corpo, o sujeito feminino tornou-se livre para exercer ou não o papel de mãe. O efeito dessa autonomia são mulheres tomando o controle de suas vidas, focadas em suas carreiras e objetivos pessoais, completas de si.

3.3 A mulher e a beleza: a opressão do padrão

O conceito de beleza e do corpo perfeito sempre existiu na história da humanidade. Desde a Antiguidade os ideais de beleza estavam presentes nas sociedades, produziu-se uma grande variedade de imaginários ao longo dos séculos do que seria um padrão de beleza, passando de um corpo com figuras harmônicas na Grécia até o discurso da magreza “saudável” atualmente. Entretanto, a beleza, ao contrário do que os meios de comunicação insistem em assimilar, não é objetiva e universal, seus símbolos e conceitos se constituem dependendo da cultura do país que é originada e da época que se forma, bem como mudam com uma velocidade exorbitante.

Atualmente, com a sociedade das mídias digitais, a beleza é confundida com felicidade, realização e saúde. Ela ganha essa nova roupagem discursiva com o intuito de induzir, principalmente as mulheres, que ser bela é um sinônimo de saudável e feliz. Quando o que ocorre é uma manipulação por parte das peças publicitárias para vender uma aparência de felicidade, juventude e saúde. A beleza se torna um bem, só alcançável se seguido determinadas normas, ditadas por uma sociedade patriarcal que exige uma beleza “saudável” (magra) e jovem.

Essa opressão pela beleza ao gênero feminino é vista em várias instâncias e idades. Enquanto no homem o envelhecimento é perfeitamente tolerável, sendo diversas vezes considerado um sinal de “amadurecimento” e aquisição de responsabilidade, no caso da mulher, o envelhecimento é visto como um descuido e, quando reparado, são estas rapidamente afastadas e substituídas por outras mais novas. A beleza é uma exigência da sociedade patriarcal, deve-se estar sempre linda, bela, radiante, nunca velha,

desenvolvendo nas mulheres o pavor da velhice, pois caso se perca a beleza e o jovialidade tão exigida do patriarcado, será censurada de sua feminilidade e sexualidade. Remetendo à Beauvoir (2019):

Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta (BEAUVOIR, 2019, p. 385).

Amedrontadas com as consequências da velhice, as mulheres são induzidas a realizar procedimentos estéticos que prometem retardar o envelhecimento, a fim de permanecerem sempre esbeltas e desejáveis. Esse cenário da aparência não inclui somente mulheres idosas, pois, atualmente, desde muito cedo todas são levadas ao medo de envelhecer, ao medo de engordar; ao medo de não ser desejável. Sendo assim, percebe-se que o patriarcado dissemina conceitos sexualizados e inalcançáveis de beleza e manipula as mulheres desde muito novas a mantê-los até a velhice. Obrigando-as a reproduzir a todo custo imagens idealizadas para satisfazer as necessidades de outrem. Como observa Wolf (2017), “o mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens” (WOLF, 2017, p. 20)

Observa-se, então, que mesmo com as conquistas do acesso ao trabalho, o sucesso financeiro, o controle acerca do corpo com a escolha da maternidade, do matrimônio e o reconhecimento adquirido com séculos de luta, a mulher ainda é presa a conceitos de beleza ditados por uma sociedade patriarcal. Vê-se, portanto, o mito da beleza como um modo de controle social do patriarcado, pois ao se desvencilhar de todos os (pré)conceitos impostos ao seu gênero, a beleza surge como uma imposição que permanece como um forte abalo às mulheres, trazendo à luz Wolf (2017):

À medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social. [...] Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor. Ela procura neste instante destruir às ocultas e em termos psicológicos tudo de positivo que o movimento proporcionou às mulheres abertamente e em termos tangíveis. (WOLF, 2017, p. 17)

Desse modo, as mulheres passam a valorizar tão excessivamente a figura da beleza, seja essa qual for, que mesmo que tal situação comece a provocar algum transtorno psicológico ou mesmo dor em seu corpo, essa questão passa a ser aceita e até prestigiada. Como se observa nas frases: “Mulher nasceu para sofrer.” ou “Para ficar bonita, precisa

sofrer.” O indivíduo feminino toma para si os valores do opressor a tal ponto que o desconforto da dominação e submissão que isso causa, e possivelmente a levaria a uma intervenção para fugir desse ciclo, como hoje há o feminismo, na verdade, é subvertido em algo enaltecido como necessário. Ocasionalmente o enfraquecimento de todo um conjunto de reivindicações positivas alcançadas através do levante social, pois a opressão é vista pelo oprimido como crucial.

Como elenca Wolf (2017, p. 20), o mito da beleza é uma entre várias ficções sociais, tal qual como a materna e a matrimonial, que condena a mulher à opressão usando como pretexto a naturalidade ou a necessidade para o feminino. Ou melhor, o patriarcado coloca a beleza como natural para a mulher e “justifica” esse elo como uma preocupação normal do gênero feminino, da mesma forma que a impõe como necessária, pois deve-se estar bela para conseguir um marido. Essa justificativa convence uma grande quantidade de mulheres, senão todas, a tentarem com todos os esforços se enquadrar nesse padrão inalcançável, indo desde o uso de cirurgias plásticas, vício em exercícios físicos, uso de cosméticos retardadores de envelhecimento, chegando até ao ponto de passar fome. Tudo para alcançar o tão desejado “corpo perfeito”.

Além da opressão dos corpos, esse problema ainda atinge diretamente no consumismo, já que desesperadas para conseguir a imagem repassada nos meios de comunicação da boa forma e rosto perfeito, as mulheres são levadas a investir todo o seu tempo e dinheiro em meios de alcançar esse objetivo impossível. Dessa forma, esta cobrança do patriarcado, aliado ao sistema capitalista, faz emergir a indústria da beleza, que se aproveita dos julgamentos, discriminações e imposições ao sujeito feminino em relação ao corpo para vender produtos milagrosos que prometem o “corpo padrão”. Todavia, essa pressão estética só gera frustração e competitividade na vida feminina, visto que nunca estará perfeita como as imagens repassadas pela mídia de massa, dado que estas não são reais, são representações distorcidas fundamentadas em demandas patriarcais do que seria/deveria ser o corpo da mulher, como sempre ocorreu desde os primórdios da humanidade.

E mesmo que o culto ao corpo belo permaneça muito disseminado nas redes sociais e meios de comunicação, inter cruzado discursivamente nos dias atuais com a roupagem do “saúdável”, outro movimento contrário vem se consolidando a pequenos passos. É esse o *body positive* que traz como conceito uma beleza sem competição feminina e que promove a aceitação corporal, incentivando o amor próprio e a pluralidade do belo. Nele, as mulheres não são convencidas que seus corpos estão errados e precisam de soluções com o

uso de cirurgias plásticas, cremes ou qualquer coisa consumível. O movimento cria um ambiente acolhedor na qual os “ensinamentos” (cobranças) da ideologia patriarcal são deixados para trás para dar lugar a sua liberdade. Acerca das transformações que esse movimento proporciona, diz Wolf (2019):

Essa nova perspectiva transforma não nossa aparência, mas nossa forma de ver. Começamos a ver o rosto e o corpo das outras mulheres pelo que são, já sem a superposição da Donzela de Ferro. Tomamos fôlego quando vemos uma mulher rir. Alegremo-nos por dentro quando vemos uma mulher com um andar majestoso. Sorrimos para o espelho, vemos as rugas que se formam nos cantos de nossos olhos e, satisfeitas com essa imagem, sorrimos mais uma vez. (WOLF, 2019, p. 270)

Isso posto, percebe-se que devido aos trabalhos sociais sobre aceitação, valorização e representatividade dos sujeitos marginalizados e oprimidos, inúmeros indivíduos estão progredindo na liberdade das amarras opressivas da ideologia patriarcal. Partindo disso, que apresentamos na próxima subseção o conceito do empoderamento e a caminhada para os lugares de fala das mulheres.

3.4 O feminismo e a mulher empoderada

As mulheres conseguiram diversas conquistas ao longo dos anos, como o direito ao voto, a educação e a liberdade sexual. Tais fatores só foram possíveis devido às intensas reivindicações de cunho feministas que emergiram em determinados períodos da história com o intuito de combater a situação subalterna que vivia o sujeito feminino. Esses momentos são chamados de ondas feministas, denominados desse modo devido a sua formação natural, como elucida Duarte (2019, p. 26), de fluxo e refluxo, calmaria e movimentação. E caracterizam situações que as mulheres, determinadas a saírem do silêncio e da obscuridade que o patriarcado as obrigou exercer, lutaram por seus direitos.

Dentre essas ondas de manifestação feminina, as mais marcantes foram as exigências sufragistas e a revolução sexual dos anos 1960. Essa primeira ocorreu nas últimas décadas do século XIX e tinha como principais pautas o direito ao voto e ampliação da educação. Nessa época, a educação feminina permanecia sumária, somente as que detinham uma família com algum poderio financeiro tinham esse “luxo”, além de serem impedidas de exercer qualquer aspecto político. Situações como essa permanecem até os dias atuais, são poucas as mulheres na política e as que conseguem atuar nessa área, sofrem constantemente com a ideologia patriarcal, como no caso da ex-presidenta Dilma Rousseff.

As primeiras manifestações desse período emergem na Inglaterra com as chamadas sufragistas na luta pelo voto feminino, que passou a ser a principal causa, mas com o tempo ganhou força nos outros países. No Brasil, como elucida Duarte (2019, p.19) uma grande quantidade de periódicos feministas começa a surgir nessa época exigindo a expansão da educação com o ensino superior e o direito ao voto, pauta que só foi alcançada na década de 30 do outro século.

Entretanto, é somente nos anos 1960 a 1970, em plena ditadura militar brasileira, que surgem as maiores reivindicações feministas. Nesse momento, as mulheres tomam conta do cenário mundial exigindo a equidade entre os sexos. Como resposta aos protestos, houve a implementação de políticas públicas que asseguraram diversos direitos ao sujeito feminino, além do surgimento, como elucida Duarte (2019), da “tecnologia anticoncepção que se torna o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso” (DUARTE, 2019, p. 42). Houve, então, uma revolução sexual e social do indivíduo mulher na sociedade, originando uma explosão das pautas feministas, tais como o aborto, a sexualidade feminina, o trabalho, entre outras, que são motivo de discussões até os dias atuais.

Nesse sentido, apesar de, como já ressaltamos, ainda persistirem valores patriarcais intrínsecos na cultura, nas últimas décadas, em detrimento dessa revolução e das lutas, emergiu um considerável agrupamento de estudos feministas nas áreas das ciências humanas e sociais. Tais discussões, sustentadas nas experiências das mulheres e no debate das teorias, proporcionaram inúmeras explicações críticas da vida social, ocasionando uma queda na dominação masculina, assim como contribuíram para o surgimento de uma consciência da mulher sobre os discursos excludentes que englobam o sujeito feminino. É nessa bagagem de produções intelectuais feministas e no constante afincamento em alterar a condição dessa minoria, que conceitos sociais dessa esfera começam a ganhar força e visibilidade no âmbito público, como é o caso do empoderamento. Sobre esse conceito Berth afirma (2019):

Quando assumimos que estamos dando poder (empoderamento), em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pelas ancestralidades que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo

ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p. 15).

Dessa forma, por meio do aprofundamento nos estudos sobre a divisão social e sexual, a segmentação do mercado de trabalho e do aprisionamento dos serviços domésticos, surge o “empoderar” como uma prática no processo de intervenção social. Essa concepção, disseminada principalmente pelos meios de comunicação através dos movimentos sociais, assume a tarefa de transformar os grupos marginalizados e excluídos, aqui se inclui não somente as mulheres, mas também os negros e LGBTQ+, em autônomos na construção de sua história, incentivando-os a participar efetivamente em todos os setores da sociedade.

De acordo com Berth (2019, p. 16-17), o conceito do empoderamento implica diretamente na emancipação política e social do sujeito oprimido. Para a autora, o termo empoderamento não se associa de modo algum com uma inversão dos polos de opressão, o foco dessa intervenção é no oprimido. Não há um poder sobre outro sujeito, como caracteriza o regime opressivo, mas sim um poder capacitador, doador de competência, espaço e conhecimento para que o oprimido tenha possibilidade e acesso aos distintos espaços. Firma-se num processo de construção autônoma que visa romper com as tendências discriminatórias e excludentes que se constituíram ao longo da história envolta de determinados indivíduos.

E mesmo que esse conceito seja muito novo e ainda não esteja dicionarizado no português brasileiro, considerado ainda como um neologismo, ele está ganhando cada vez mais espaço no âmbito dos movimentos sociais. Como apresenta Berth (2019, p. 17), ele “parte da necessidade de questionar continuamente de que poder estamos falando e quais os possíveis caminhos de trabalho social empregaremos, no sentido de não inverter a lógica atual, mas de subvertê-la”. Portanto, o propósito do empoderamento é questionar e desestruturar a ideologia patriarcal que ampara a opressão de gênero.

4. A MULHER NA INTERAÇÃO FACE-FACE DO EXAME CELPE-BRAS

Nesse capítulo, abordaremos o *corpus* de pesquisa do trabalho, que se constitui de todos os elementos provocadores das edições do Celpe-bras já realizadas. Nos quais, foram recortados no *corpus* de análise, ou seja, em seis elementos provocadores que apontam para como a mulher é representada no exame. Lembrando que cada elemento provocador selecionado foi examinado de acordo com as etapas de análise semióticas elucidadas anteriormente, trazendo à tona, ao mesmo tempo, as opressões patriarcais que rodeiam o gênero feminino também delineadas.

Desse modo, ao longo das considerações de análise, apresentaremos, como método, primeiramente, o plano de expressão, isto é, diagramação, formas, cores, iluminação, textura e tudo que compõe a parte visual do elemento, fazendo menção a categoria que tiver maior “peso” para a análise de cada texto verbovisual. Em seguida, evidenciaremos os aspectos do plano de conteúdo, partindo do nível discursivo até o fundamental, buscando traçar um perfil da figura feminina no exame.

Assim, para a análise, dentre os 40 elementos provocadores selecionados no Celpe-bras que abordam a figura feminina de modo verbal ou visual no universo das 32 edições, desde o ano de 1998 a 2019. Dentre esses elementos, para compor nosso recorte de análise, selecionamos seis, separados nos temas: maternidade, beleza e empoderamento.

4.1 A maternidade nos elementos provocadores do Celpe-bras

Dentre os cinco elementos que discutiam as facetas feminino e maternidade, selecionamos dois que aparentavam mais representatividade do conjunto. Desse modo, como ponto de partida, escolhemos o elemento provocador (figura 3) abaixo, do gênero textual tirinha, retirado da edição de 2018.2, que aborda uma discussão sobre os papéis do homem e da mulher na criação dos filhos:

Figura 3 - Elemento provocador “Por que é sempre a mãe?”



Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervocelpbras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2018>

A tirinha faz parte de um conjunto de ilustrações que abordam o cotidiano das mulheres grávidas ou com crianças, elaboradas pela cartunista Mauren Veras e publicadas na revista Donna, de Santa Catarina.

No Plano de Expressão, a primeira estrutura que chama atenção no elemento é a categoria topológica, na qual identificamos a relação entre os núcleos *esquerdo* vs. *direito*, correspondendo ao sentido de leitura do quadrinho, da direita para a esquerda. Além disso, há o espaçamento das figuras da criança e do pai, enquanto a imagem infantil aparece no canto direito bem visível, a figura paterna aparece somente no último quadro, no canto esquerdo recortado. A criança é o destaque do elemento, sua visão que será apresentada. Por fim, observa-se o contraste entre os termos *superior* vs. *inferior*, pois, ao passo que encontramos a menina na posição baixa, o pai aparece alto, fugindo até da tirinha. Remetendo, possivelmente, à visão de que a criança enxerga, ou mesmo um sentido de superioridade adulta e inferioridade infantil.

No que diz respeito à categoria eidética, analisamos um mesclado entre formas *arredondadas* vs. *retilíneas*. Os contornos mais arredondados são vistos em toda a figura infantil, desde o penteado, da blusa até o corpo, e trazem um efeito de sentido de juventude e infantilidade. Os círculos também se repetem nos balões de diálogo que são considerados

por convenção gráfica do gênero textual tirinha um modo de expressão da fala. Já as formas retilíneas são observadas nos dados coloridos, na forma como é diagramada a tirinha, no chão, na parede e na própria figura paterna.

Em relação à categoria cromática, o elemento provocador se mostra com cores bem diversificadas. Há a presença do branco e amarelo no fundo do quadrinho. Assim como de tons mais rosados nas roupas e na bochecha da criança, trazendo a associação da ideologia patriarcal de que meninas usam rosa, como também promovendo o conceito de “corada”, jovem e infantil. Outro aspecto que também remete ao sentido infantil é o colorido dos brinquedos, dando ideia de múltiplas cores. O pai já apresenta cores mais neutras como o preto e amarelo liso e sem detalhes, trazendo o conceito de seriedade.

Em direção ao Plano de Conteúdo, discursivamente a tirinha traz à tona uma reflexão crítica acerca dos papéis materno e paterno na criação dos filhos. Para tanto, faz uso de uma enunciação de debreagem enunciativa interna, em que o narrador, que também atua como enunciador, dá a voz aos personagens por meio do discurso direto. Desse modo, a criança e o pai são personagens no quadrinho que falam com suas próprias vozes, passando a impressão de que o leitor que está verdadeiramente ouvindo suas palavras. Há, então, a produção de diálogos entre os personagens que atuam como interlocutor e interlocutário numa conversa. Já o narrador se apresenta somente no enunciado “Tirinhas da mau: A hora de chamar a manhêêê”, estabelecendo fronteiras bem nítidas entre o narrador/enunciador e os personagens.

No âmbito das relações tema-figuras, semântica discursiva, nota-se que a presença das figuras da criança, do pai, da mãe, de modo não-verbal, e os brinquedos constroem o tema da maternidade. Isto é, as imagens usadas revelam a cobrança da ideologia patriarcal para com o sujeito feminino na maternidade. Por esse motivo, a figura visual feminina não está presente no elemento motivador, sua ausência é simbólica. É exatamente a sua falta que a criança está abordando no diálogo com o pai, sua figura não aparece visualmente, mas sim pelo signo, com a procura da menina.

Por meio desse apagamento da imagem feminina num espaço doméstico e materno, o quadrinho pretende escancarar a ideologia patriarcal que ainda considera a mulher como encerrada no papel de mãe. Isso ocorre, como destaca Batinder (1985), devido ao fato de que “[...] a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada como Maria, símbolo do indefectível amor ablativo” (BATINDER, 1985, p. 9). Não havendo outra alternativa, outro espaço, outras escolhas, outra vida a não ser a da criança depois que assume o papel de mãe. Além disso, percebemos que a figura visual do pai aparece

sugestivamente sem identidade. Essa situação pode ser entendida com um efeito de generalização no que confere as atitudes dos homens. Ou seja, como se o quadrinho exigisse a presença paterna na criação dos filhos, demonstrando que o homem também deve atuar nessa formação.

Desse modo, a crítica ao discurso patriarcal aparece tanto nesse sumiço visual materno, como também nos enunciados: “Por que sempre a mãe?”, “A hora de chamar a manhêêêê” (ou o painhê)” e na fala da menina “Cadê a mãe?”. Tais enunciados, aliados à falta da figura da mãe, pretendem expor criticamente esse discurso sexista que considera o gênero feminino obrigado e até cobrado (tendo em vista que a criança está em busca/cobrando a mãe) a seguir o papel materno e doméstico, enquanto o masculino a manter e somente prover a criança. Por isso, o sujeito infantil almeja a figura materna, pois, na maioria dos casos, é ela quem supre as necessidades dos filhos, que dá o carinho e afeto e está presente em todos os espaços do cotidiano. O pai, mesmo solicitado, não é quem ela realmente deseja, visto que a sua presença não é reconfortante da mesma maneira que a materna. É partindo desse pressuposto que identificamos no âmbito narrativo da tirinha como um programa de ação.

O sujeito infantil é impulsionado pelo desejo (*querer-ter*) da mãe e tenta entrar em conjunção com esse objeto-valor. Essa situação, entretanto, não dá certo, a mãe não responde a criança, o que resulta na privação do objeto-valor amor materno, um programa de privação. Temos, portanto, o sujeito infantil instaurado pela vontade que está em disjunção com seu objeto-valor. Para tentar entrar em conjunção com o amor de mãe, o sujeito infantil modaliza o sujeito pai. Ou seja, ela chama o pai e o usa como um meio de conseguir encontrar sua mãe, ele não é um possível detentor de carinho e afeto, apenas um modo de entrar em conjunção com o amor materno. Entretanto, a performance não acontece, a criança não adquire o objeto-valor, resultando em uma ruptura cômica e ao mesmo tempo reflexiva para o sujeito leitor que passa a questionar as atitudes machistas oriundas do discurso patriarcal.

No nível fundamental, identificamos a reprodução de dois eixos fundamentais na tirinha, produzidos pela crítica aos papéis de gênero na criação dos filhos: *presença vs. ausência*. Ao passo que a figura materna é considerada *presença*, carinho e afeto, objeto-valor almejado pela criança, a imagem do pai corresponde à própria *ausência*. Assim sendo, o percurso semântico da tirinha se faz somente na *ausência*, uma vez que a mãe não está presente em nenhum momento.

Já o segundo elemento provocador selecionado (Figura 4), que ilustra a edição de 2019.2 e traz como título a frase “Maternidade no currículo”, aborda a questão da mulher mãe e o trabalho. Vale ressaltar que dentre os cinco elementos que apresentavam a figura feminina associada à categoria maternidade, três traziam a faceta do trabalho como um dos temas centrais. Partindo para a análise, o elemento faz parte do gênero textual jornalístico e discute o impacto da maternidade na carreira acadêmica das mulheres:

Figura 4 – Elemento provocador “Maternidade no currículo”



Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2019-2>

A matéria que constitui o elemento acima foi retirada da revista Pesquisa FAPESP e publicada no ano de 2018 pelo jornalista Rodrigo de Oliveira Andrade.

Na análise do Plano de Expressão, observamos que o que mais chama atenção é a categoria topológica com o contraste entre as orientações *alto vs. baixo* e *central vs. periférico*. Enquanto a ilustração está centralizada, os enunciados estão mais periféricos nos planos superior e inferior. No que confere ao plano central, observa-se a figura da criança numa posição mais alta, em cima da mesa, e a mãe numa posição baixa, debaixo da mesa. Essa questão evoca um efeito de superioridade da criança, ela está no controle,

enquanto o fato da mãe estar em uma posição inferior e mais baixa, revela a sua submissão. No plano inferior, identificamos também a relação topológica entre *direito vs. esquerdo*, o sentido em que os gráficos estão ordenados, ou seja, o leitor tem a primeira leitura do gráfico da mulher com filhos e depois da mulher sem filhos. Há também a repetição do contraste alto e baixo na decaída dos trabalhos científicos feitos por mulheres com filhos e o crescimento das mulheres sem.

No que confere à categoria eidética, denota-se uma relação entre *curvilíneo vs. retilíneo*, com o predomínio de formas arredondadas. Esses contornos circulares são vistos na figura feminina e infantil, nos frascos químicos, na fonte das letras, que denotam um aspecto mais circular e também na curva do recorte dos gráficos, da ilustração e do elemento.

Na categoria cromática, observa-se como cor predominante o rosa claro, popularmente denominado de “rosa bebê”. Essa escolha de fundo está ligada tanto ao sujeito feminino, uma vez que na ideologia patriarcal tudo que possui a cor rosa é simbolicamente associado à mulher, como também, nesse caso, há um vínculo com o imaginário infantil, visto que o tom rosado “clarinho” é direcionado para uma delicadeza do recém-nascido. Há também a repetição da cor rosa nas letras do elemento, mas em um tom mais escuro do que a apresentada no fundo, um *pink*, provocando uma situação contrastante e chamando a atenção do leitor.

Entrando na análise do Plano de Conteúdo, no que confere à sintaxe discursiva, percebe-se que o elemento projeta na enunciação um enunciador que utiliza a debreagem enunciativa, produzindo um discurso em terceira pessoa. Cria-se, portanto, um efeito de objetividade e afastamento na enunciação, uma vez que se ausenta o *eu* do discurso em detrimento de um *ele* científico. Com o intuito de informar e ao mesmo tempo convencer o enunciatário de que a pauta sobre a maternidade e carreira é verdadeira e relevante, servindo-se do discurso científico para validar sua argumentação. Dessa forma, com a exposição das porcentagens apuradas das acadêmicas, com e sem filhos, o elemento pretende persuadir ou mesmo tempo que informa o leitor de que cuidar de uma criança é uma obrigação bastante penosa e que requer muita dedicação, sendo, portanto, uma tarefa difícil de conciliar com a carreira científica, o que resulta em impactos negativos a ela.

Essa ideia da maternidade como uma atividade fatigante e que prejudica o trabalho acadêmico também se repete na figurativização da semântica discursiva, uma vez que, é por meio das figuras do microscópio, da mulher de terno, da poltrona, da mesa de trabalho, dos frascos de experimentos químicos, das folhas de papéis bagunçadas, lápis, fórmulas

químicas e, por fim, da criança em cima da mesa, que identificamos como esfera os temas do trabalho e da maternidade. Essas figuras no elemento provocador visam a reforçar os desafios que a mulher enquanto mãe passa a enfrentar por conta do acúmulo de tarefas e responsabilidades, criando a ideia de um ambiente caótico, onde a mãe precisa se desdobrar entre a vida acadêmica e materna.

Ao passo que a figura feminina aparece bem presente no elemento, tanto nas ilustrações como nos signos verbais, exercendo o papel de mãe, a figura do homem é completamente apagada. Em nenhuma parte do elemento há a imagem paterna ou subtede-se a divisão de tarefas com o pai. O pai é ausente tanto no elemento como na vida cotidiana. Evidencia o discurso da sociedade patriarcal que considera a mulher como necessária a todo momento no cuidado com a criança, mostrando os efeitos dessa exigência na carreira.

Isso é visto na própria ilustração, uma vez que a figura da mãe aparece escondida embaixo da mesa, com seus trabalhos científicos bagunçados, além de apresentar uma expressão assustada e desesperada. A mulher é obrigada a exercer o papel de mãe ao mesmo tempo em que realiza suas atividades acadêmicas. Dessa falta de auxílio paterno aliada à cobrança da sociedade patriarcal e capitalista, emerge a figura materna contemporânea; a mulher que se desdobra em vários papéis.

Por meio disso, observa-se que o elemento provocador considera que ao assumir o papel de mãe, o sujeito feminino passa a exercer muitas responsabilidades, provocando uma queda considerável em sua produção científica. Essa questão é identificada pela narrativa que se segue do destinador com o destinatário. Isto é, para gerar esse convencimento, o elemento manipula o destinatário-leitor por tentação, oferecendo informações verdadeiras para ampliar seu repertório de conhecimento sobre essa opressão materna, convencendo-o disso.

Há, portanto, uma tensão fundamental entre os eixos *dupla jornada* vs. *única jornada*. No elemento, vê-se uma denúncia à grande responsabilidade atribuída ao feminino, de quem é exigida integralmente a função de mãe, um trabalho demasiadamente cansativo do ambiente doméstico, ao mesmo tempo em que precisa atuar na esfera pública de sua carreira. Dessa forma, percebe-se que o texto considerada a dupla jornada sem assistência como disfórica e a possibilidade de exercer essas duas funções com assistência como eufórica, construindo o percurso fundamental *Dupla jornada* \Rightarrow *Não dupla jornada* \Rightarrow *Dupla jornada*.

4.2 A beleza nos elementos provocadores do Celpe-bras

No total, apuramos nove elementos provocadores de diferentes gêneros textuais que associam a imagem feminina à noção de beleza, corpo, físico, ou que retratavam algum elemento estético na sua composição. Dentre os nove, escolhemos dois para fomentar nossa análise. O primeiro é o elemento provocador (figura 5), retirado da edição de 2007.1, que é do gênero jornalístico e enumera algumas “dicas” de como retardar o envelhecimento:

Figura 5 - Elemento provocador “Para retardar o envelhecimento”



Fonte: http://www.ufrgs.br/acervocelppebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2007_2-1

Tais “conselhos” fazem parte do livro “A construção da beleza”, do Dr. Otávio R. Macedo, e foram publicados no Jornal Pampulha, em setembro de 2005, no estado de Minas Gerais. O elemento provocador é dividido, topologicamente, em quatro extremidades que são marcadas pelas relações constrativas *esquerdo vs. direito* e *superior vs. inferior*. No lado esquerdo, são expostos os enunciados com as dicas para retardar o envelhecimento, de modo que cada uma possui um símbolo representando visualmente o que está escrito.

No lado direito, mais centralizada, surge a imagem do feminino na forma de ilustração. Sua fisionomia é predominantemente composta de traços arredondados, relacionando-se ao contraste eidético *curvilíneo vs. retilíneo*, o que remete a um efeito de

sentido juvenil. Além de estar envolta num círculo, o que lhe dá maior destaque. No plano superior, observa-se o título central “Para retardar o envelhecimento” que aponta para uma ideia do elemento motivador e no plano inferior uma espécie de assinatura, na qual identifica-se de onde foram retiradas as informações.

Na categoria cromática, observa-se o branco como cor de maior destaque no elemento, relacionando-se, tanto ao efeito de sentido médico, uma vez que é um dermatologista que apresenta essas sugestões, como também trazendo uma ideia de regras encadeadas e prescritas num papel. Já as cores avermelhadas e quentes, predominantemente na figura feminina, sugerem um sentido de saúde e vitalidade, como se ela tivesse seguido as dicas para retardar o envelhecimento e agora seu corpo está mais jovem e saudável, o famoso “corado”. O azul nos símbolos sugere uma ideia associada à saúde, dado que, da mesma forma que o verde, o azul carrega esse sentido de saudável e bem-estar. Por fim, o dourado nos círculos já se associa a uma tentativa de chamar atenção do leitor para os enunciados.

Em relação ao Plano do Conteúdo, percebemos que o elemento provocador tem um discurso que induz o sujeito leitor a buscar a jovialidade, mas essa situação só se dá por meio da adequação às normas médicas. Isto é, o discurso faz uso de uma enunciação enunciativa, há o apagamento da pessoa que produz o discurso. O enunciador não se mostra na enunciação, existe apenas um “ele” que deve cumprir com as “dicas”, transparecendo um sentido de objetividade científica, distanciamento e dando a entender um “efeito de verdade” sobre o que enuncia. Dessa forma, o sujeito se sente convencido do discurso porque são prescrições médicas, portanto, são boas para a saúde e bem-estar. O elemento faz uso de um discurso médico como argumento de autoridade na busca de controlar e induzir o sujeito a seguir tais recomendações.

Além disso, as normas são materializadas no imperativo (“Beba”, “Pratique”, “Hidrate”, “Use”, “Mantenha”, “Consuma”, “Utilize”, “Faça”), referindo-se a um sentido de ordem maquiado em um tom de conselho, como se o sujeito leitor, claramente feminino, não as seguisse no momento agora, mas a partir da leitura e conhecimento adquirido, deva segui-las imediatamente para não aparentar estar velha. Essas regras normatizam os procedimentos estéticos e o consumo de medicamentos sem necessidade, apontando para o medo de envelhecer. Os verbos elencados no modo imperativo e o apagamento da pessoa produtora do discurso produzem um efeito de sentido verdadeiro e objetivo que leva o sujeito a *dever* buscar o cuidado consigo mesmo, como se estivesse nas suas mãos a possibilidade de retardar o envelhecimento. A propaganda usa de artifícios médicos para

convencer o leitor de que seu corpo precisa permanecer eternamente jovem e, como consequência, belo. A velhice é, assim, retardada através de técnicas disciplinadoras e processos estéticos que são elencados de propósito ao lado da imagem feminina, associando-a diretamente.

Essa figura feminina jovem, tanto como os tratamentos preventivos, tais como Botox, Peelings, preenchimento injetáveis, a prática de exercício físicos, a alimentação balanceada, o uso do filtro solar, hidratação e limpeza da pele, uso de suplementos vitamínicos e antioxidantes, constroem como tema central a esfera da beleza. Essa relação tema-figuras revela um universo ideológico patriarcal que considera a aparência envelhecida como algo feio e repulsivo. A juventude se torna uma obrigação do sujeito feminino, submetendo-se às “dicas” ou qualquer informação para obter essa aparência juvenil bela.

A partir disso, percebe-se que o elemento provocador considera a velhice um aspecto desfavorável (disfórico) em contrapartida com a juventude como favorável (eufórico). Essa situação é identificada no elemento pela narrativa que se segue do destinador com o destinatário. Verifica-se que a propaganda manipula o sujeito feminino por intimidação, ameaçando-lhe com valores negativos, no caso a velhice, para que esta se sinta no dever de seguir as “dicas” impostas e querer permanecer eternamente no estado de jovem. Em vista dessa imposição da sociedade patriarcal, aliado ao apelo mercadológico do consumismo, desabrocha a exigência da mulher exercitar-se, comer bem e manter o corpo jovem. Tudo construído na aparência de boa forma e do corpo saudável.

Dessa forma, observa-se uma oposição fundamental entre as instâncias *beleza* vs. *feiura*. A mulher deve evitar estar velha, pois envelhecer é vergonhoso, desagradável, indesejável e feio. Nem mesmo na propaganda que é direcionada às mulheres mais velhas ela aparece, o símbolo de destaque é uma ilustração de uma moça que esbanja juventude. Isso ocorre porque, no conceito patriarcal, a mulher velha perde tudo o que é fundamental para sua existência: sua fertilidade e sua aparência. A polarização entre esses dois termos, constrói-se no elemento através das “dicas” do livro “A construção da beleza”, que já traz no título o cerne do belo e concebe a juventude como uma aparência necessária e linda, instaurando, portanto, o percurso de sentido como *feiura* \Rightarrow *não feiura* \Rightarrow *beleza*.

O segundo elemento (figura 6), retirado da edição de 2017.1, promove a aceitação corporal:

Figura 6 - Elemento Provocador “Marina adora seu vestido”



Fonte: http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2017_1

O elemento provocador “Marina adora seu vestido” faz parte de um conjunto de obras artísticas presente no livro “Mulheres”, da cartunista Carol Rossetti, que denunciam as opressões cotidianas sofridas pelo sujeito feminino na sociedade patriarcal.

No que concerne ao plano de expressão, mais especificamente ao campo das formas, observa-se a relação entre os eixos *curvilíneo vs. retilíneo*, destacando a presença de proporções mais curvilíneas em todo o elemento. Tais formas são vistas nos contornos arredondados do sujeito Marina, relacionando-se com o porte do seu corpo, e na esfera que a envolve, dando-lhe evidência para a sua figura. Já o retilíneo se apresenta somente nos recortes laterais do quadro e nas próprias letras. No que diz respeito à categoria topológica, verifica-se o contraste entre *central vs. periférico*. A figura visual de Marina está no plano central e os enunciados estão localizados periféricamente nos planos superior e inferior.

Na categoria cromática, verifica-se que a obra tem como cor predominante o marrom envelhecido e saturado. Essa coloração sugere uma sensação de simplicidade e traz em mente uma ideia de desgastado e velho, remetendo possivelmente ao fato da opressão feminina ser simples e cotidiana, pois as mulheres são bombardeadas da dominação patriarcal todos os dias nos mais diversos ambientes, como também provoca um efeito de sentido de discurso gasto e arcaico, que vai se deteriorando com o tempo. Outro aspecto cromático é o contraste *puro vs. mesclado* do vestido de Marina com o

fundo amarronzado do elemento, quebrando a ideia tom sobre tom do bege e marrom para o preto e branco, atraindo a atenção do leitor.

As localizações das expressões verbais na composição do elemento não são aleatórias. Isto é, por meio do espaçamento dos enunciados, o cartoon apresenta dois discursos distintos no Plano de Conteúdo. Um que diz respeito à opressão patriarcal envolta ao corpo feminino e outro que carrega um movimento de aceitação e empoderamento. O primeiro faz uso da debreagem enunciativa, visando transmitir um efeito de objetividade e formalidade. Ou melhor, a frase “Marina adora seu vestido listrado, mas as revistas de moda dizem que listras horizontais não combinam com o seu corpo”, mostra-se como um padrão social inquestionável, um fato aceito que deve ser cumprido sem questionamento. Por isso, o enunciador o expõe de modo objetivo e excludente.

Em contrapartida, o discurso que se segue abaixo já é transferido pelo enunciador pela debreagem enunciativa, ou seja, buscando uma informalidade e aproximação com o enunciatário. Dessa forma, na expressão “Liga pras revistas não Marina. O importante é usar o que gosta e se sentir bem com o seu próprio corpo.”, promove uma ideia de aconselhamento e remete a uma conversa amigável, sem muitas sofisticações linguísticas e carregada de subjetividade, entre o enunciatário, no caso Marina, e o enunciador. É importante frisar que o discurso ultrapassa o ator discursivo Marina chegando a envolver o sujeito leitor. Já as categorias de tempo são evidenciadas como “presente histórico”, aquele que dura sempre, também chamado de omnitemporal.

No que tange à semântica discursiva, nota-se que o elemento destaca propositalmente algumas palavras (“Marina”, “Corpo”, “Gosta”, “Sentir bem” e “Próprio Corpo”), que trazem à tona uma figurativização. São por meio destas que podemos extrair do texto o tema da beleza, mas não a beleza opressora das revistas de moda que reproduzem a ideologia da sociedade patriarcal, exigindo sempre um corpo perfeito, magro e belo das mulheres. A beleza trazida pela autora denota um empoderamento e liberdade, o importante não é ter um corpo jovem e bonito, mas sim se aceitar e se sentir feliz com ele. Assim sendo, o discurso do cartoon é pautado no corpo verdadeiro, real, com marcas e exceções, contrariando o corpo irreal e regrado disseminado pelas revistas.

No âmbito narrativo, o elemento possui duas manipulações que estão implícitas nos dois discursos enunciados. A primeira é oriunda do Destinador patriarcal que manipula o destinatário feminino Marina por intimidação, ameaçando-lhe com o desacordo com a moda e, por sua vez, com a beleza (O discurso da opressão). Enquanto o outro atua como um Anti-Destinador que manipula Marina por tentação, concedendo como objeto-valor o

bem-estar com o próprio corpo (O discurso da liberdade). A primeira manipulação não é bem-sucedida, pois o destinatário Marina julga a manipulação do destinador patriarcal como falsa, não compartilhando dos seus valores e optando por acreditar na aceitação do Anti-Destinador. A partir dessas instruções do Anti-Destinador ela adquire *competência* para a aceitação de seu corpo e cumpre com sua *performance*. Aparecendo com o vestido de que gosta mesmo não se adequando ao que diz o patriarcado, obtendo, portanto, um julgamento positivo do Anti-Destinador, a *sanção*.

Realiza-se, portanto, uma tensão fundamental entre as esferas *liberdade vs. opressão* que se associam diretamente com a categoria eidética do Plano de Conteúdo *curvilíneo vs. retilíneo*. Metaforicamente para o texto as curvas e as formas arredondadas se ligam à liberdade, enquanto o retilíneo está conexo à opressão. Nesse sentido, temos o sujeito Marina se desprendendo dos abusos do patriarcado e passando a viver sua vida com a liberdade de vestir o que gosta, compreendendo o percurso do cartoon como *opressão (disfórico) ⇒ não opressão ⇒ liberdade (eufórico)*. Vale lembrar que o discurso da tirinha atinge o leitor que, ao ver que Marina se sente bem e não excluída da sociedade, também passa a almejar a liberdade.

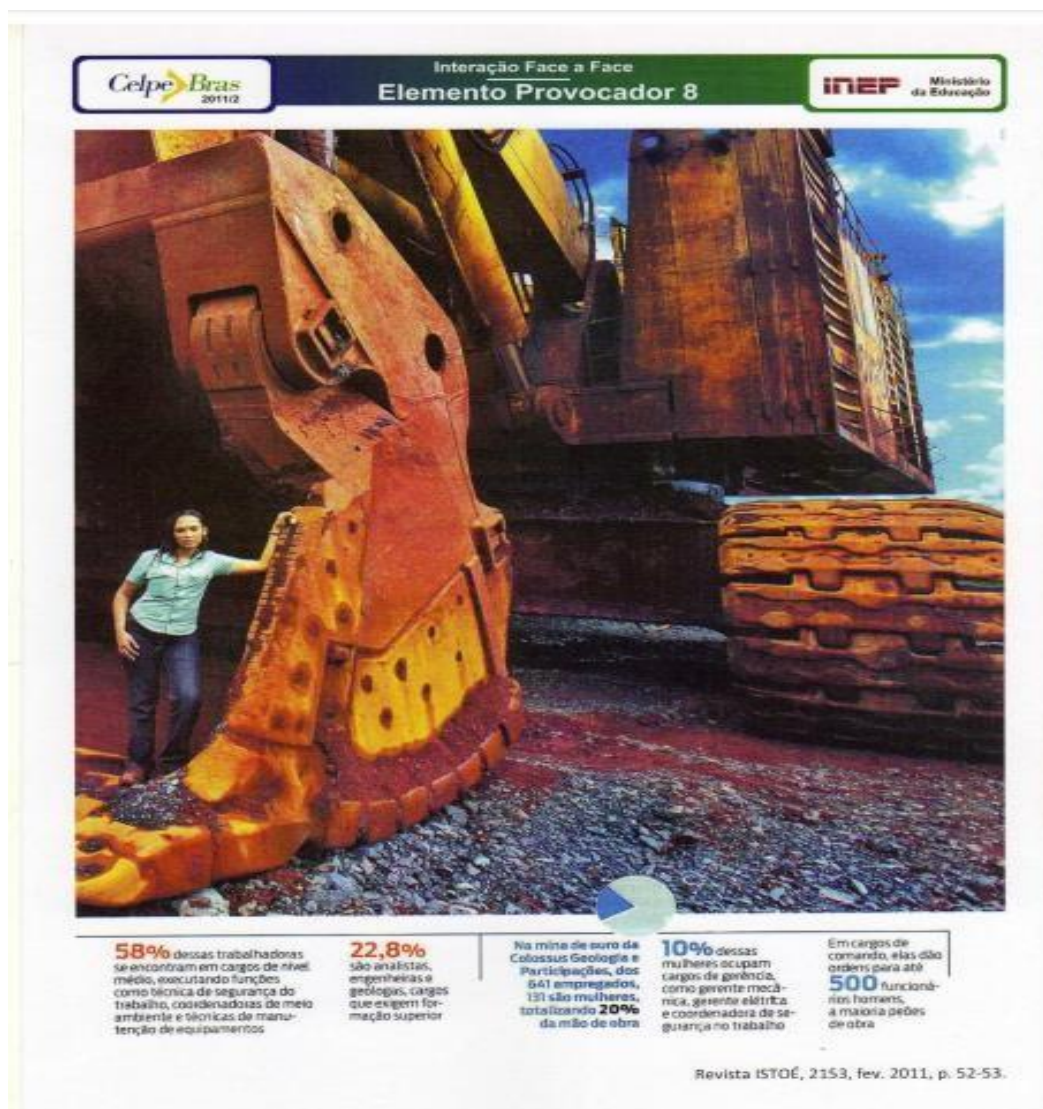
4.3 O empoderamento feminino nos elementos provocadores do Celpe-bras

Depois de uma longa trajetória de lutas femininas empreendidas no espaço público, a mulher passa a ter acesso ao trabalho, à educação e à possibilidade de formação como sujeito autônomo. Em face disso, o Celpe-bras trouxe na sua composição quatro elementos provocadores que centralizavam o tema do empoderamento.

Vale lembrar que anteriormente, como no tema da beleza, foram observados o aspecto do empoderamento, mas não de modo central como nos selecionados para tal categoria. Dentre estes, três abordavam como tema periférico a esfera do trabalho.

É partindo desse âmbito que adentramos na análise do primeiro elemento provocador dessa categoria, retirado da edição de 2011.2, que aborda a discussão das mulheres em espaços que por muito tempo lhes foram negados:

Figura 7 – Elemento provocador “Mulheres na mineração”



Fonte: http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2011_2

O elemento acima foi retirado da matéria “Mulheres na mineração”, da revista IstoÉ, publicada em fevereiro de 2011 pela jornalista Paula Rocha.

Iniciando a análise no plano de expressão, observa-se na categoria topológica o contraste entre as esferas *superior vs. inferior* e *central vs. periférico*. A fotografia está localizada na parte de cima e os dados estão posicionados abaixo, sugerindo um efeito de leitura rápida. Desse modo, o leitor “colocará os olhos” primeiramente na imagem, tomando conhecimento do que se trata o elemento, e depois observará os dados abaixo. Além disso, observa-se que a imagem da mulher jovem apoiada na escavadeira está centralizada no elemento, quase que tomando todo o seu espaço, e os enunciados já estão mais periféricos. Todavia, nesse caso, a visão que temos é primeiramente da máquina e depois do sujeito feminino.

Essa situação se associa com a categoria eidética, uma vez que se constitui uma relação entre os eixos *grande vs. pequeno*. Na fotografia, a mulher aparece com um tamanho muito discrepante em comparação com o objeto de trabalho. Por esse motivo, a primeira visão que temos é a da escavadeira e não do feminino. Enquanto o objeto ocupa todo o espaço da foto, o sujeito feminino se mostra em um tamanho bem inferior. Remetendo, possivelmente, a uma relação de poder que a mulher possui com a escavadeira. Ela, mesmo pequena, domina essa enorme máquina. Essa dominação do objeto, que representa simbolicamente a faceta do trabalho, reafirma-se na expressão de conforto que o sujeito apresenta, com seu corpo apoiado e joelho dobrado. Vale lembrar que os enunciados também estão em um tamanho muito pequeno em relação à imensa fotografia.

Já na categoria cromática, percebe-se que o tom predominante em toda a fotografia é o alaranjado, com o destaque somente para a mulher que usa uma blusa azul. A cor laranja, aliado ao conhecimento geral do uso da máquina para escavação, levam-nos ao efeito de sentido de algo terroso e agrário, trazendo à tona a primeira parte do título da reportagem, que trata da mineração. Já o azul na blusa do sujeito feminino representa, simbolicamente, o empoderamento da mulher. Ou melhor, como a cor azul é caracteristicamente ligada ao sexo masculino por convenção da sociedade sexista, a matéria expõe propositalmente no feminino para induzir o leitor ao pensamento de que mulheres podem e usam essa cor, da mesma forma que as mulheres podem e trabalham em locais tidos como masculinos, no caso a mineração. Esses contrastes entre azul e laranja se repetem nos enunciados, vê-se a presença do laranja quando aborda as mulheres nos dados gerais e na mineração específica surge o azul.

Partindo para a análise do Plano de Conteúdo, no nível da semântica discursiva, há a projeção de um enunciador que usa a terceira pessoa, compreendendo uma debreagem enunciativa. Nesse caso, o *eu* se ausenta do interior do discurso para transmitir um efeito de objetividade e formalidade na enunciação. Em resumo, a reportagem traz informações e estatísticas para convencer o enunciatário-leitor da inclusão do sujeito feminino no espaço da mineração, tido pela sociedade patriarcal como um ambiente pertencente somente aos homens. Construindo, assim, um discurso a favor das mulheres e não só se fazendo informativo, mas opinativo, utilizando-se da linguagem direta e de dados concretos para convencer o enunciatário da inclusão feminina nesse ambiente hostil e excluído.

No que tange à semântica discursiva, mais precisamente quanto a relação temas-figuras, pode-se extrair do discurso do elemento os temas do trabalho feminino e do

empoderamento. Tais temas são concretizados por investimentos figurativos presentes nas imagens da escavadeira, da mulher apoiada, da expressão de conforto e dominação, dos signos verbais “trabalhadoras”, “cargos de nível médio”, “cargos que exigem formação superior”, “engenheiras”, “mão de obra”, “coordenadora de segurança do trabalho”, entre outras.

Todas essas figuras corroboram para a compreensão do discurso capacitador do elemento, na qual salienta a competência do sujeito feminino para desempenhar as mesmas funções profissionais que qualquer homem. Criticando, assim, o universo ideológico patriarcal que ainda considera a mulher sob a ótica de vulnerável, fragilizada e dominada. E, por causa disso, não apropriada para trabalhos “pesados”, como a mineração, de raciocínio lógico, cursos de engenharia em geral, ou mesmo ocupar posições de poder. Visto que, para a sociedade machista, são essas as posições do homem, do provedor, que exigem masculinidade para exercê-las. Para o elemento, a mulher se mostra como forte, corajosa, poderosa, que tem capacidade e autonomia para atuar nessas áreas.

Todavia, mesmo com esse discurso capacitador, os elementos visuais da reportagem não corroboram com os signos verbais. Ao passo que a fotografia apresenta um discurso progressista, de mulher poderosa, que tem acesso aos “trabalhos masculinos”. Os enunciados denotam uma relativização no progresso, com as estatísticas que apontam para uma falta de espaço para o sujeito feminino nesses ambientes, denotando o efeito de sentido da mulher ainda como iniciante nesse longo processo de equidade de gênero, já existindo indivíduos femininos capacitados nessa área que antes era todo masculina, mas que ainda há um grande caminho para percorrer.

No nível narrativo, identifica-se o contrato entre o destinador e o destinatário que interpreta a persuasão, nela crê e aceita o acordo. No elemento em questão, tem-se um Destinador-editor que manipula o Destinatário-leitor por tentação, convencendo-o com estatísticas e dados da mudança da sua perspectiva de progresso em áreas que até pouco tempo atrás eram destinados somente aos homens. Assim, o Destinador-editor valida sua argumentação com fatos para que o leitor seja persuadido e considere a argumentação como verdadeira.

Por fim, a oposição semântica fundamental do elemento é representada pelos termos *acesso vs. obstrução*. O acesso relaciona-se ao espaço que a mulher vem ganhando na área da mineração, ambiente destinado por muito tempo somente aos homens. Já a obstrução seria essa negação a esse ambiente do sujeito feminino que perdurou por muito

tempo. Para negar os termos em oposição, têm-se os contraditórios: *Obstrução (disfórica)*
 ⇒ *Não obstrução* ⇒ *Acesso (eufórica)*

O segundo elemento provocador (figura 8), retirado da edição de 2018.2, impulsiona uma discussão acerca da mulher em cargos de poder:

Figura 8 – Elemento provocador “Mulheres em cargos de comando”



Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2018>

O elemento “Mulheres no comando” foi retirado da matéria “O avanço lento das mulheres no comando”, da revista Época, publicada em agosto de 2017 pelas jornalistas Daniela Simões e Danielle Amorim. Nele, além do título e subtítulo bem destacados no canto superior direito, temos na parte inferior o texto verbal periférico: “Mulheres na coordenação de equipes ainda são raridade em muitas companhias. Segundo o IBGE, elas representam 37% dos ocupantes de cargos de chefia nas empresas brasileiras.”

Na análise do Plano de Expressão desse elemento, mais precisamente na categoria eidética, identificamos a relação entre as formas *uniforme* vs. *multiforme*. Ao passo que os enunciados se apresentam mais padronizados em contornos horizontais e quadriculados, a imagem visual se mostra com um misto de formas. Vale ressaltar que o elemento tem uma

diferenciação no que diz respeito à borda, a qual se difere demasiadamente dos outros elementos provocadores do Exame Celpe-bras. Isto é, não há um corte uniforme como nos outros textos apresentados anteriormente, sua borda não está bem limitada em um retângulo simples, mas em vários quadrados soltos com uma imagem fotográfica que junto compõe o elemento.

No que diz respeito à categoria topológica, observamos uma relação entre as orientações *central vs. periférico* no elemento. No plano principal, verifica-se a presença de uma mulher negra, jovem, magra, vestida com roupas formais e com a cabeça levemente inclinada para cima em uma expressão de superioridade. Essa primeira cena provoca um efeito de destaque e autonomia, ou seja, o sujeito feminino apresenta-se numa situação central com um semblante de autossuficiência. No plano de fundo, mais periférico, já temos a visão do que seria um ambiente de trabalho, representando imagetivamente a conquista que esse sujeito mulher alcançou. Há também a relação entre *superior vs. inferior* dos enunciados verbais. O título e o subtítulo aparecem posicionados na parte de cima do elemento, em contrapartida ao outro texto verbal que se mostra no canto baixo e escondido.

Em relação à categoria cromática, vemos um vínculo entre os termos *puro vs. mesclado* e *nítido vs. turvo*. Enquanto a mulher se mostra bem evidente e com uma coloração retida ao preto e ao branco, o fundo e as pessoas já se apresentam bastante desfocados e com cores mais heterogêneas e diversificadas. Remetendo, possivelmente, ao conceito de empoderamento, pois o sujeito feminino está numa posição de valorização em detrimento do fundo. É a mulher o foco do elemento, ela detém o poder e se mostra capacitada e autossuficiente para exercer um cargo de comando.

É no Plano do Conteúdo que enxergamos mais precisamente o que fora analisado no Plano de Expressão. Discursivamente, percebe-se que o elemento empodera o sujeito feminino, regendo-se de um discurso de valorização e capacitação da mulher. Vale ressaltar que esse indivíduo feminino que estampa a capa principal do elemento não carrega somente a pauta do gênero, englobando também questões étnicas e raciais. Isto é, não rompe somente com as reproduções das práticas internalizadas do sexíssimo, da mulher como um ser submissão ao homem, mas também aborda a exclusão do sujeito negro nos ambientes de comando, o racismo. O elemento, portanto, empodera esses dois grupos marginalizados pela sociedade quando coloca como plano central uma mulher negra numa posição de poder. Demonstrando como as mulheres e os negros podem e provavelmente vão, ainda que gradativamente, ocupar os espaços de comando.

Para produzir esse efeito de sentido de empoderamento, opera-se na enunciação um discurso em debreagem enunciativa. Isto é, o texto faz uso da terceira pessoa com o intuito de transmitir um sentido de objetividade ao informar e criticar alarmante a desigualdade entre homens e mulheres, bem como subentendido de negros, em cargos de chefia. Por isso, ausenta-se o *eu* no interior do discurso para dar lugar a um *ele* objetivo e formal, visando convencer o enunciatário que o discurso é verdadeiro. No que concerne à projeção de tempo, o elemento se estabelece no presente do indicativo, identificado pelos verbos “evolui”, “mostram”, “representam”, “apresentam”, “são”, denotando que esse avanço gradual na conjuntura feminina e aquisição de poder é atual. E, por fim, a projeção de espaço se faz pelo ambiente de trabalho, nas relações de gênero/etnia e trabalho.

Entretanto, mais uma vez, observa-se o discurso capacizador/empoderador nos elementos visuais que não corroboram com os enunciados verbais. Enquanto a fotografia traz um discurso progressista, de mulher poderosa que comanda. Os enunciados já denotam uma relativização no progresso, com os dados que apontam para poucas mulheres em posições de chefia. Tal perspectiva nos traz à manifestação do efeito de sentido do longo processo da igualdade dos gêneros, da desconstrução da sociedade que ainda não ocorreu e da exigência de um avanço mais rápido das mulheres em posições de comando. Nesse sentido, ainda que denotando a existência de indivíduos femininos capacitados adentrando em cargos de poder, exige-se um aumento.

No aspecto semântico discursivo, identificam-se os seguintes temas centrais como empoderamento, feminismo e trabalho. Construídos através das figuras visuais da mulher negra, do terno, do ambiente de trabalho, da expressão de superioridade que denota uma visão de mulher poderosa, além de se fazer presente nos enunciados verbais como no “avanço”, “cargos de comando” e “equilíbrio de gêneros”. O elemento traz esse discurso de empoderamento atravessado por um discurso esperançoso de progresso feminista através da construção de um ambiente de trabalho em que a mulher é colocada na liderança, trazendo à tona uma das conquistas femininas que acarretou a emancipação financeira e social das mulheres.

Para prosseguir na análise, cabe tratar brevemente do contexto sóciohistórico de ascensão das mulheres na esfera pública, como descreve Beauvoir (2019), foi “[...] pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta” (BEAUVOIR, 2019, p.166). Mesmo que o sujeito feminino tenha alcançado a possibilidade de trabalhar, ainda são poucas que assumem cargos mais elevados nos dias atuais. Isso, claro, devido aos opressivos valores patriarcais que insistem

em impor à mulher, a partir do controle de um homem. Por causa da permanência desse contexto de opressão, é que o elemento apresenta o discurso do empoderamento, visando denunciar esta discriminação de gênero nas relações de trabalho, a qual resulta em uma sociedade que valoriza o homem em cargos de comando, enquanto a mulher ainda é equacionada em funções de subordinação e dependência.

No nível narrativo, há um destinador tentando convencer o destinatário a crer no seu ponto de vista. Tem-se, portanto, uma manipulação por tentação, segundo a qual o editor da reportagem tenta convencer o destinatário-leitor de sua perspectiva acerca do lento processo das mulheres em cargos de comando. Resultado da ideia históricocultural de que o homem tem poder sobre o corpo da mulher, fazendo este pensar que tem o direito de exercer a dominação. Para isso, utiliza-se de informações e dados científicos para que o leitor considere sua argumentação como verdadeira e se faça acreditar no jogo de manipulação.

Sobre a categoria fundamental, organiza-se o contraste entre os termos *dominação* vs. *submissão*. Dessa forma, o elemento apresenta a mudança gradual da sociedade em relação ao papel feminino. Pois, com a revolução feminista e os contínuos avanços sociais, a mulher, antes retida nos papéis disfóricos de submissão e dependência, passa a atuar, pouco a pouco, em funções eufóricas de poder e chefia. O sujeito feminino não é tão submisso às atitudes dos homens, ela adquire autonomia e poder, o que constrói o percurso fundamental do elemento como *submissão (disfórico) ⇒ não submissão ⇒ dominação (eufórico)*.

4.4 O perfil da mulher no Celpe-bras

Encerrando a análise, constatamos que o Celpe-bras apresenta, atualmente, um discurso mais progressista e inclusivo em relação aos discursos da militância feminista e às necessidades da mulher atual. Ainda que predomine nos elementos provocadores a tentativa de uma neutralidade em sua enunciação, ocultando-se em quase todos os enunciados o *eu* do discurso para que se sobressaia a opinião do participante entrevistado. No geral, o discurso do exame retrata a figura feminina sob um viés de valorização e inclusão. Para sintetizar os dados retirados do exame Celpe-bras, optamos por criar uma tabela com todos os 40 elementos provocadores selecionados:

Quadro 2 – A figura feminina no exame Celpé-bras

Elementos provocadores			Figuras do feminino
Ano	Tema	Título	
2019.2	Maternidade	“Engravidar sim ou não?”	Mulher com o poder de escolha.
	Maternidade/ Trabalho/ Machismo	“Maternidade no currículo”	Mulher no papel de mãe ao mesmo tempo que atua como pesquisadora.
2019.1	Outros	“Como superei o medo de dirigir”	Mulher sentada no carro.
2018.2	Maternidade	“Por que é sempre a mãe!”	Ausência da mulher mãe.
	Tecnologia	“Criadas para servir”	Vozes femininas dos programas de computador.
	Empoderamento/ Trabalho	“Mulheres em cargos de comando”	Mulher negra em posição de destaque e poder.
2017.1	Consumismo	“Sem ostentação”	Mulher segurando várias sacolas.
	Beleza/ Empoderamento	“Marina adora seu vestido”	Mulher fora do padrão social.
2017.2	Machismo/ Desconstrução	“Machismo”	Menina discutindo machismo.
2016.1	Saúde e bem-estar	“Casa em ordem, coração tranquilo”	Mulher segurando roupas Limpas e passadas.
	Saúde e bem-estar	“As chaves para o equilíbrio”	Mulher sorrindo com uma maçã na cabeça.
2016.2	Outros	“Sucesso”	Somente uma única imagem feminina, Madona.
	Beleza/Saúde e bem-estar	“Colágeno”	Mulher praticando atividade física.
2015.2	Beleza/Saúde e bem-estar	“A potência da acupuntura”	Mulher com agulhas no rosto.
2014.1	Outros	“Notícias ruins afetam mais as mulheres”	Mulher assustada ao ler o jornal.
	Maternidade/ Trabalho/ Empoderada	“Filhos? Não obrigada”	Mulher trajada de terno segurando uma placa que nega a possibilidade de ter filhos.
2014.2	Viagem	“Com quem viajar?”	Mulher segurando uma mala no aeroporto.
2013.1	Cultura/Culinária	“Cozinha cultural”	Somente mulheres na cozinha.
	Tecnologia	“Compre no exterior sem sair da poltrona”	Mulher trajada de roupa casual sentada em uma poltrona.
2013.2	Outros	“Leitura e conhecimento”	Mulher lendo na estrada.

2012.1	Machismo	“Homenagem ao dia das mulheres”	Mulher usando um salto.
	Machismo	“Os cinco dons das mulheres”	Mulher usando vestido e salto rodeada por símbolos que representam os “dons femininos”.
2011.2	Empoderamento/ Trabalho	“Mulheres na mineração”	Mulher encostada em uma máquina de mineração.
2010.2	Beleza	“Barbie e o padrão de beleza único”	Mulher segurando uma Barbie, usando as mesmas roupas da boneca.
2009.1	Cultura/ Machismo	“Os ciganos modernos”	Mulheres expostas como esposas.
2009.2	Beleza	“A velhice começa aos 27”	Mulher nova vendo seu reflexo no espelho como velha.
2008.1	Saúde e bem-estar	“Clube da Luluzinha”	Somente mulheres na academia.
	Maternidade/ Trabalho	“Mamãe, não vá trabalhar!”	Perna feminina sendo agarrada por uma criança
	Machismo/	“Regras”	Mulher fracionada em pequenos quadrados de um cubo mágico.
2008.2	Beleza	“Os limites do estica e puxa”	Rosto feminino esticado por ferramentas médicas.
2007.1	Beleza	“Para retardar o envelhecimento”	Mulher jovem e feliz.
2006.1	Beleza	“Você é o que você come”	Mulher com o corpo de hambúrguer.
2004.1	Outros	“A revolução dos brinquedos”	Mulheres em forma de bonecas.
2003.2	Beleza/ Saúde e bem-estar	“Dietas”	Mulher magra no padrão de beleza sorrindo com pratos de comida “light” e “saudáveis”.
	Empoderamento/ Trabalho	“O poder feminino na PM”	Mulheres em posição de poder na profissão de policial
2002.1	Trabalho/ Pesquisa/ Machismo	“Arrancada feminina”	Mulher pesquisadora apoiada em um computador.
2001.1	Machismo	“Manifesto MVT”	Mulher em um ambiente doméstico.
2000.1	Trabalho/Política/ Machismo	“Os passos de uma conquista”	Mulher trajada com um terno.
1999.1	Machismo/ Maternidade	“Mulher”	Mulher em um ambiente doméstico, cuidado do filho e fazendo várias coisas ao mesmo tempo.

1999.2	Empoderamento/ Beleza	‘Mulher de biquíni’	Mulher andando tranquilamente de biquíni em Copacabana. Ao mesmo tempo, duas mulheres mais velhas olham com espanto.
--------	--------------------------	---------------------	--

Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo>

Partindo, especificadamente, para como a mulher é representada em no recorte de cada classe analisada, observa-se que na categoria maternidade, que compõe as edições 2018.2 e 2019.2, mais atuais do exame, nota-se uma crítica às formações discursivas machistas e patriarcais. Os enunciados do primeiro elemento “Tirinhas da mau: A hora de chamar a manhêê (ou o papaiê)” e “Cadê a mãe?”, logo depois da chegada do pai, deslocam a típica situação infantil da criança chamando sua mãe para uma quebra humorística e carregada de crítica. Ou seja, a tirinha promove uma discussão acerca das funções historicamente impostas pelo patriarcado ao gênero feminino, da mulher como necessária integralmente no papel de mãe.

No segundo elemento, observa-se mais uma crítica a essa exacerbada cobrança com a prole, mais especificadamente da jornada dupla, demonstrando como essa questão afeta a carreira feminina de modo negativo. Dessa forma, para o Celpe-bras o indivíduo feminino mãe não é uma dona de casa que só cuida dos filhos, mas também uma acadêmica, a mulher que possui uma carreira e trabalha, que mesmo que atue dentro de casa cuidando da criança, também trabalha fora. Lutando para que este trabalho externo fique cada vez mais acessível.

Já na categoria da beleza, observa-se um deslocamento discursivo na comparação entre as edições de 2007.1 e 2017.1. O primeiro elemento, mais antigo, possui um discurso da beleza opressora, na qual a mulher é obrigada a seguir as dicas para se manter jovem e bela, afastando-se da repulsiva velhice. Em contrapartida, o segundo elemento, mais atual, apresenta-se com um discurso de beleza empoderada, da mulher não se fazendo regrada pela sociedade patriarcal, libertando-se das amarradas opressivas do padrão de beleza. Construindo, desse modo, uma mudança discursiva no perfil feminino de beleza no Celpe-bras, ou seja, da mulher não mais como objeto padronizado e regrado pelo patriarcado, mas sim liberta e feliz com a preferência que tiver para seu corpo.

É partindo disso que na categoria empoderada, retirada das edições de 2011.2 e 2018.2, constatou-se o discurso da mulher como forte, independente, autônoma e poderosa. O sujeito feminino, nos dois elementos analisados, mostra-se como detentora de poder e capacidade para exercer profissões e cargos elevados. Assim sendo, o Celpe-bras contesta

os discursos patriarcais da mulher como emocional, não racional, inferior e não adequadas para ocupar lugares de poder.

Todavia, mesmo com essa contestação com os discursos opressores no exame, não há uma ruptura total com a ideologia patriarcal, tendo em vista a relação da mulher com a beleza e a maternidade, temáticas patriarcais que se fizeram predominantes no exame. Desse modo, não houve um rompimento total de paradigma, mas, em relação aos discursos que colocam a mulher como exclusivamente mãe e necessariamente bela, há um progresso. Portanto, o perfil feminino no exame se funda em uma mulher predominantemente autônoma e bastante ligada ao trabalho profissional.

5. CONCLUSÃO

A partir do que ilustramos nessa pesquisa, chegamos a algumas conclusões com relação à prova Celpe-bras no que concerne à trajetória do sujeito mulher. Na análise dos seis elementos provocadores, buscamos compreender como a minoria feminina está sendo representada para os interlocutores estrangeiros através do discurso do Celpe-bras. Tendo em vista os discursos que essa prova, produzida pelo governo do Brasil, pode transmitir para os não nativos na construção de opiniões sobre o indivíduo feminino.

De modo geral, constatamos um deslocamento do discurso, por meio da comparação das edições antigas e atuais da prova. Essa questão é observada a partir do progresso nas discussões do Celpe-bras em torno da mulher, visto que o exame passou a utilizar aspectos de cunho feminista com o intuito de transmitir um discurso de desconstrução dos estereótipos opressores instituídos pela sociedade patriarcal. Entretanto, ainda que a prova tenha se utilizado das pautas feministas para conduzir essa desconstrução dos papéis de gênero, os temas da beleza e da maternidade, que se fizeram mais frequentes, trazem à mente o semblante patriarcal.

Vale lembrar que a presença quase total que se fez no exame foi da mulher no ambiente de trabalho, no ambiente público, possuidora de uma formação acadêmica e exercendo cargos de chefia. Sinteticamente, o Celpe-bras constrói um perfil do sujeito feminino profissional e trabalhador que em sua trajetória se mostra empenhada em desenvolver sua carreira, apontando para o surgimento de mulheres empoderadas. Dessa forma, verificamos que ainda que persista a esfera patriarcal no Celpe-bras, observa-se que as mulheres foram retratadas de forma mais inclusiva. Pois, através da configuração de novos paradigmas na sociedade, ainda que de modo sutil e gradual, a mulher está sendo integrada em um contexto social que lhe era negado.

Neste horizonte, novas relações são configuradas, originando novas formas de reconfiguração da mulher. Por isso, faz-se importante construir pesquisas que investiguem a imagem feminina na contemporaneidade, principalmente no viés dos estudos semióticos, análise cuja estabeleça elo entre os aspectos visuais e textuais de uma narrativa para uma única significação. Por fim, no âmbito pessoal, este trabalho contribui demasiadamente para minha formação como profissional de letras, bem como militante no movimento feminista, pois a partir das investigações realizadas, consegui compreender e analisar academicamente aspectos discursivos da ideologia patriarcal.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROS, Diana. **Estudos do discurso** in: FIORIN (Org.). *Introdução à Linguística II: Princípios de análise*. São Paulo, Contexto, 2016, p. 187-219.
- BARROS, Diana. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo: uma história a ser contada**. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, José Luiz. **O éthos do enunciador**. In: CORTINA; Arnaldo. MARCHEZAN; Renata (Org.). *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p. 117-138.
- FLOCH, Jean-Marie (1985). **Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Hadès-Benjamins.
- FLOCH, Jean-Marie (1995). **Sémiotique, Marketing et communication**. 2. Ed. Paris: PUF.
- FLOCH, Jean-Marie (1995). **Idetités visuelles**. Paris: PUF.
- GREIMAS, Algirdas. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1973.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. **Estruturalismo e teoria da literatura**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NOTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Pierce**. São Paulo, Annablume, 1995.
- NOTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo, Annablume, 1999.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos deputados, Edição Câmera, 2018.

SANTAELLA. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TEIXEIRA, Lucia. **Entre dispersão e acúmulo**: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. Gragoatá, Niterói, v. 16, p. 229-242, jan./jul. 2004.

TEIXEIRA, Lucia. **Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais**. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 41-77.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2017.